

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**FERNANDA DOS REIS DEMETRIO**

“O girassol é uma coisa que me impulsiona muito”: a prática da catação e da reciclagem na trajetória de vida de Tatiana Champe (Caxias do Sul/RS)

**CAXIAS DO SUL  
2021**

**FERNANDA DOS REIS DEMETRIO**

**“O GIRASSOL É UMA COISA QUE ME IMPULSIONA MUITO”: A PRÁTICA DA  
CATAÇÃO E DA RECICLAGEM NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE TATIANA  
CHAMPE (CAXIAS DO SUL/RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Katani Maria Monteiro Ruffato.

**CAXIAS DO SUL**

**2021**

**FERNANDA DOS REIS DEMETRIO**

**“O GIRASSOL É UMA COISA QUE ME IMPULSIONA MUITO”: A PRÁTICA DA  
CATAÇÃO E DA RECICLAGEM NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE TATIANA  
CHAMPE (CAXIAS DO SUL/RS)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II – Licenciatura em História, e aprovado em sua forma final, pela Orientadora e pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em Licenciatura em História em \_ de \_\_\_\_ de 2021.

Orientadora:

---

Dr<sup>a</sup> Katani Maria Monteiro Ruffato

Banca Examinadora:

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente a mim mesma, que diante de todas as adversidades fui à luta em busca do meu sonho, não medindo esforços para alcançá-lo. A trajetória acadêmica foi difícil, mas compensadora.

Agradeço aos meus familiares, resolvi não citar nomes, pois foram muitas contribuições, das mais variadas formas, que ocuparia muito deste espaço e ainda correria o risco de esquecer alguém.

Agradeço ao Moacir, por todo o suporte que me deste, que possibilitou este momento. Sem esse apoio eu não estaria escrevendo estes agradecimentos, portanto expresso aqui a minha gratidão eterna por você.

Agradeço ao Centro acadêmico de História da Universidade de Caxias do Sul, onde eu iniciei minha luta no movimento estudantil. Onde tive oportunidade de conhecer pessoas incríveis. Da mesma forma eu agradeço ao Diretório Central dos Estudantes, que também foi importante na minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus professores do curso, que sem dúvidas contribuíram não só para a minha formação profissional, mas também para a minha evolução pessoal, estes ensinamentos estarão sempre comigo.

Agradeço também aos meus amigos que seguraram a minha mão, me auxiliaram nas minhas angústias. E nesta nova etapa, estão ao meu lado para comemorar a realização do meu sonho.

E por fim, agradeço em especial, a minha orientadora professora Katani, por toda atenção, compreensão e principalmente a confiança que me passaste durante todo o processo de construção da minha pesquisa.

O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamin

## RESUMO

Esta monografia se constitui como um estudo de aspectos da história de vida de Tatiane Champe. Natural de Caxias do Sul, coordena a associação de recicladores Girassol e também é presidente do Movimento dos Catadores Legais, que tem por objetivo buscar coletivamente recursos e ações voltadas para a melhoria das condições de trabalho dos associados. Destaca-se nesta trajetória de vida a atividade profissional de Tatiane, pois apesar de não haver uma regulamentação da profissão de catador, ela defende, articula e organiza projetos que auxiliam os trabalhadores, e também o meio ambiente. Destacam-se, ainda, nesta trajetória, seu engajamento em projetos sociais, sua articulação política e aspectos de sua religiosidade. Trata-se de um estudo que procura analisar as experiências de vida da protagonista, buscando explicar através das suas narrativas as potencialidades e limitações de sua profissão, compreendendo, desse modo, suas relações com o contexto atual.

**Palavras-chave:** História de vida, História Oral, Tatiane Champe, catadores, Caxias do Sul

## **ABSTRACT**

This monograph is a biography of Tatiane Champe, born in Caxias do Sul, coordinator of the Girassol Recyclers Association (Associação de Recicladores Girassol) and the president of the Movement of Legal Collectors (Movimento dos Catadores Legais), which aims to collectively seek for resources and to promote actions for the improvement of the working conditions of its associates. Tatiane's professional activity stands out in her life history, because despite the non existing regulation of the waste recyclers profession, she defends, articulates and organizes projects that help these workers and the environment, and she is fully engaged in social projects. She is, as well, politically articulated and an active religious woman. This study analyzes the interviewee's life experiences, explaining through her narratives the potential and limitations of her profession, aiming to understand her relationship within the present context.

**Keywords:** Biography, Recycling, Solid Waste, Waste Recyclers.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Anexo, lugar utilizado para fazer as refeições dos trabalhadores -----	39
Figura 02 – “Tati de Iansã”: Celebração religiosa de Tatiane e família -----	48
Figura 03 – Girassol: trabalhadores da reciclagem com a carga pronta para a comercialização -----	51



## **SIGLAS, TERMOS E ABREVIações**

UCS	-	Universidade de Caxias do Sul
MNCR	-	Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos
CBO	-	Classificação Brasileira de Ocupações
HO	-	História Oral
PNRS	-	Política Nacional de Resíduos Sólidos
FAS	-	Fundação de Assistência Social
IPEA	-	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
CODECA	-	Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. UMA BREVE HISTÓRIA DA CATAÇÃO E DOS SIGNIFICADOS DO “LIXO” .....</b>	<b>13</b>
<b>3. HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>25</b>
<b>4. OS CAMINHOS TRILHADOS E A FÉ QUE MOVE TATIANE CHAMPE.....</b>	<b>35</b>
4.1 OS SENTIDOS DA CATAÇÃO E DA RECICLAGEM POR TATIANE CHAMPE .....	35
<b>4.2 A FÉ QUE MOVE MONTANHAS É A MESMA QUE REMOVE RESÍDUOS.....</b>	<b>48</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>FONTES VIRTUAIS .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Escrevo a seguinte pesquisa diante de um contexto completamente diferente, pois estamos atravessando uma pandemia. Nesse âmbito, os serviços essenciais estão em evidência, sendo citados em todos os meios de comunicação. Evidentemente que os profissionais da área da saúde, por estarem na linha de frente do combate ao Covid-19<sup>1</sup> que assola grande parte da população mundial, além do enfrentamento do avanço do vírus, estão tendo que lidar com a falta de conscientização, afinal, o que inicialmente era uma crise sanitária passou a ser tratada como um ato político por uma parcela conservadora da população.

Há também outro fato que dificulta muito o controle dessa pandemia: o excesso de informação, muitas delas sem base científica, materializando-se em uma onda de *fake news* (notícias falsas), com a intenção de provocar insegurança, ou até mesmo, minimizar as graves consequências causadas pelo vírus. Além disso, muitas vidas estão sendo ceifadas. As pessoas que acreditam nessas notícias falsas acabam colocando suas vidas em risco e também a dos demais que fazem parte das suas relações de convivência. Todos esses fatos acentuam ainda mais a crise sanitária e econômica que até o presente momento continua vitimando muitas pessoas.

Venho, por meio deste estudo, acompanhar o desenvolvimento de um trabalho essencial: a separação dos resíduos considerados descartes, a fim de gerar renda e principalmente a proteção dos recursos naturais. Para conduzir tal trabalho, escolhi percorrer a trajetória de vida de Tatiane Champe, que desde muito jovem vem trabalhando com a reciclagem. Iniciou, juntamente com seu pai, a recolha de materiais pelas ruas de Caxias do Sul. Já na vida adulta, com seu marido, deu continuidade ao mesmo trabalho. Atualmente, Tatiane coordena a Associação de Recicladores Girassol, situada no bairro de Ana Rech em Caxias do Sul. É importante ressaltar, ainda, sua atuação como presidente do Movimento dos Catadores Legais de Caxias do Sul, o qual também conheceremos mais no decorrer do trabalho.

Essa pesquisa pretende colaborar e também registrar o papel social dos trabalhadores deste segmento, tendo em vista compreensão da identidade social

---

<sup>1</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>.

desses indivíduos. Para a investigação, foram utilizadas como fontes documentais, sobretudo orais, as quais foram *cocriadas*<sup>2</sup>, além de reportagens que são disponibilizadas no site da Câmara de Caxias do Sul. Também foram utilizados livros, artigos e trabalhos acadêmicos como fontes bibliográficas sobre o tema pertinente a este estudo.

Esta pesquisa pretende, por meio da história de vida de Tatiane Champe, historicizar o cotidiano de uma mulher que trabalha em uma usina com materiais que são considerados “lixo”. Embora se trate de uma história de vida, esta narrativa compreende cruzamentos com outras trajetórias semelhantes. Desta forma, a partir da história de vida de Tatiane, pode-se alcançar um contexto mais amplo de experiências com a catação. Destarte, para melhor entendimento desta história de vida serão necessários alguns questionamentos mais gerais: como se dá o acesso e até mesmo a garantia dos direitos sociais destes trabalhadores, como se estrutura o modo de vida e de trabalho desta personagem? O que pensa diante das adversidades, quais são seus sentimentos, como resistem às dificuldades, à falta de reconhecimento e ao agravamento da crise sanitária e econômica devido à pandemia? Como são as relações familiares e com o meio ambiente? De forma mais específica, este trabalho traz como objetivos:

- a) Analisar a atividade da reciclagem por meio da história de vida de Tatiane Champe;
- b) Conhecer as origens sociais de Tatiane Champe;
- c) Analisar o contexto socioeconômico de inserção da família de Tatiane Champe à prática de catação, e;
- d) Estabelecer relação entre a precariedade do trabalho e a permanência das famílias na atividade da catação e quais são as perspectivas de Tatiane Champe para o futuro dentro da reciclagem.

---

<sup>2</sup> Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas *cocriadas* pelo historiador, elas não existiriam da forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. (PORTELLI,2005,p.10).

## 2. UMA BREVE HISTÓRIA DA CATAÇÃO E DOS SIGNIFICADOS DO “LIXO”

Para melhor compreensão de todo o processo histórico, é necessário contextualizar a história do “lixo” e suas ressignificações ao longo do tempo. O tema sustentabilidade e meio ambiente surge com maior inserção a nível mundial mais para o final do século XX, especialmente a partir de 1980, devido ao aumento populacional, acarretando, dessa maneira, uma maior produção de mercadorias e ampliando consideravelmente a quantidade de resíduos. Diante disso, houve a necessidade de repensar as práticas de consumo e descarte, ou seja, iniciar um longo e permanente trabalho de educação ambiental da sociedade, tendo em vista que a exploração desenfreada dos recursos naturais estão se tornando maiores do que a capacidade do planeta de fornecê-los, impactando gravemente o meio ambiente (MEADOWS, 2007).

Neste cenário, a figura do catador, preexistente desde o século XIX, começa a ter mais visibilidade na sociedade e passa a integrar a agenda política do Brasil, posto que esses sujeitos desenvolvem um trabalho que além de contribuir para o processo de reciclagem do país, ao mesmo tempo constituem-se em uma eficaz alternativa para reduzir os impactos causados por esses materiais ao meio ambiente (BRAGA, 2015).

É importante destacar que ao longo das décadas de 1990 a 2000, os catadores obtiveram alguns avanços, tais como o reconhecimento legal e de alguma forma parcial pelo seu trabalho. Com essa visibilidade foi criado, em 1999, o Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos (MNCR), formalizado em 2001 durante o I Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, ocorrido em Brasília. Após a institucionalização do movimento, várias ações visando à melhoria das condições de trabalho dessa categoria foram realizadas por parte do poder público. Em 2003, o presidente da república criou, por meio de um decreto, “O Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis, formado por 10 órgãos do governo federal, que se propõe a realizar projetos de inclusão dos catadores e de erradicação dos lixões” (IZAÍAS, 2010, p.19).

Por fim, existe hoje o chamado Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis, instituído pelo Decreto nº 7.405, no ano de 2010, renomeando e reestruturando o então Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo, que havia sido criado em 2003 (DIÁRIO DO ABC, 2020, s/p).

Apesar deste comitê ser atualizado para atender as demandas da categoria, falta muito para que essas políticas sejam eficientes, pois a maioria dos trabalhadores atuantes no segmento vivem de forma precária, em condições sub-humanas, de acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais recicláveis (MNCR).

O 1º Congresso Latino – Americano de Catadores ocorreu em 2003 e teve como sede a cidade de Caxias do Sul, onde estiveram reunidos catadores e catadoras de vários países. Este é um momento muito importante para a consolidação do MNCR, em razão de, nesse período, o movimento começar a mostrar a sua força, articulando varias lutas e unificando os trabalhadores em prol de melhorias para o desenvolvimento de suas atividades. Também neste evento é divulgada a então Carta de Caxias, que expõe a situação dos catadores da América Latina. Esta carta está disponível no site do MNCR em dois idiomas, sendo um deles o português e o outro, o espanhol. O documento se propõe a relatar as vivências compartilhadas no congresso, reconhecendo os catadores como agentes fundamentais para a manutenção da limpeza e do nosso ecossistema, entretanto vai além, pois demonstra com muita clareza o entendimento sobre questões econômicas, ademais de estabelecer relações com outros países. Ler esta carta de 2003 em 2021 só reforça o quanto é necessário avançar sobre essas causas, pois as preocupações já descritas naquele ano continuam presentes nos dias de hoje.

A seguir, um pequeno trecho desta carta, que demonstra como os sujeitos envolvidos se autorrepresentam:

É uma história em que descobrimos o valor e o significado do nosso trabalho: coletando e reciclando materiais descartados, somos agentes ambientais e contribuimos com a limpeza das cidades. A organização de associações e cooperativas criou a possibilidade de trabalho e renda para os setores mais excluídos da sociedade. Por tudo isso, o trabalho e as organizações dos Catadores são uma luz que aponta na direção de um novo modelo de desenvolvimento para nossas cidades e para nossos povos. Nossa experiência mostra que todas as pessoas podem ser muito mais felizes e saudáveis. Basta dar valor a tudo e reciclar tudo o que for possível, reciclando a própria vida (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2008).

Outro êxito dos catadores se deu no momento em que tiveram a atividade profissional reconhecida, no ano de 2002, pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO)<sup>3</sup>. Este documento é responsável pelo reconhecimento e valorização das

---

<sup>3</sup> A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é um documento que retrata a realidade das profissões do

atividades consideradas ocupacionais. Todavia, por não ter o ofício de regulamentar, a atividade profissional é reconhecida e não regulamentada. Em relação à ocupação de catador de material reciclável, conforme Braga (2015, p. 1380), “exerceu uma função simbólica”. Até trouxe certa visibilidade pública aos catadores, entretanto não suficientemente, pois ocorreu de forma isolada, já que não garantiu a inclusão desses sujeitos em políticas públicas capazes de resgatar a dignidade humana. Essas afirmações corroboram as reflexões de Nascimento (2012, p. 138) “ao constatar que apesar do reconhecimento da categoria profissional pela CBO e possuírem um comitê específico, os catadores encontram-se inseridos em precárias condições de trabalho, sofrendo as mais diversas formas de preconceito pela sociedade”, já que a coletividade não reconhece a importância destes trabalhadores para a preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, a redução de gastos, contribuindo, assim, para o desenvolvimento econômico do país. Por isso, ressalto aqui a importância da educação ambiental, além da necessidade de esta ocorrer também fora das escolas, passando por todos os setores da sociedade. Somente assim poderemos mudar as representações sociais que são atribuídas aos catadores, que são tão estigmatizados em nossa sociedade.

Sobre a filosofia da CBO, temos que: “Acompanhando o dinamismo das ocupações, a CBO tem por filosofia sua atualização constante de forma a expor, com a maior fidelidade possível, as diversas atividades profissionais existentes em todo o país, sem diferenciação entre as profissões regulamentadas e as de livre exercício profissional” (CBO, s.). Um grande passo para o reconhecimento e a valorização do catador foi a promulgação da Lei n. 12.305/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Além disso, a legislação refere-se à Educação Ambiental, trabalho imprescindível para o sucesso das ações que venham a ser implantadas pela legislação.

É fundamental que a sociedade compreenda a importância do uso consciente e do descarte correto destes resíduos, e, principalmente, se organize e reivindique ações governamentais no sentido da preservação ambiental e a consolidação dos direitos dos catadores de materiais recicláveis.

Para isso, dentre as principais diretrizes da PNRS, duas poderão ajudar para essa conscientização, sendo elas: “a realização de um trabalho de educação ambiental e a integração de catadores de materiais recicláveis em atividades relacionadas ao fluxo de resíduos sólidos” (FEITOSA, 2011, p. 28). Ou seja, junto com o entendimento sobre a preservação dos bens não renováveis, ocorre a inserção dos catadores de materiais recicláveis nesse contexto de reconhecimento, para que os mesmos possam contribuir com seus saberes, figurando enquanto sujeitos ativos nesse processo, já que a grande maioria da população não sabe separar seus resíduos corretamente.

No entanto, com a Lei nº 12.305/10, instituidora da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) os catadores se sentiram um pouco mais amparados, pois essa política vinha ao encontro das necessidades da categoria, e contemplava vários aspectos, pois "prevê a prevenção e a redução na geração de resíduos, institui a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos, cria metas importantes que irão contribuir para a eliminação dos lixões" (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2011).

Já o Projeto de Lei (PL) regulamentador da profissão de catador de resíduos sólidos, que aos olhos de uma parcela da população viria a agregar positivamente, melhorando as condições de trabalho dos catadores, não corresponde ao entendimento do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). A organização não acredita que acrescentaria algo positivo, sendo, para estes, um projeto ultrapassado, que não foi construído com a participação dos mesmos, além de burocratizar o livre exercício da profissão.

Porém, este projeto de lei, depois de passar pela Câmara e também o Senado, seguiu para o Executivo Nacional que naquele ano tinha como presidenta Dilma Roussef. A Presidenta, por sua vez, vetou integralmente o projeto, corroborando com a posição do MNCR citada logo acima. Na justificativa para tal veto, Dilma Roussef escreveu o seguinte aos autores:

A Constituição Federal, em seu art. 5º, inciso XIII, assegura o livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, cabendo a imposição de restrições apenas quando houver a possibilidade de ocorrer algum dano à sociedade. Além disso, no caso específico, as exigências podem representar obstáculos imediatos à inclusão social e econômica dos profissionais, sem que lhes seja conferido qualquer direito ou benefício adicional, uma vez que as atividades relacionadas aos catadores já estão definidas na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, permitindo o reconhecimento e o registro desses



profissionais. [...] Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do Congresso Nacional (CONSULTOR JURÍDICO, 11 de janeiro de 2012, 15:48).

A prática da catação é de vital importância nessa sociedade contemporânea baseada no consumo excessivo. Para tanto é fundamental o respeito e o reconhecimento desta classe de trabalhadores, uma vez que é ela a responsável por recolher todos os excedentes que são descartados e resultam em resíduos das indústrias, empresas e, principalmente, os resíduos gerados diariamente nas residências, os quais, na maioria das vezes, são descartados de forma irregular e inadequada. Todo esse trabalho reflete diretamente no salvaguardo do nosso ecossistema.

Com a criação dos grandes centros urbanos por consequência do aumento da industrialização, o que originou mudanças significativas do consumo e, como resultado, o aumento da produção de descartes, a situação estava insustentável. Segundo ARAUJO (2012, p.11) o acúmulo de lixo nos grandes centros urbanos era descomunal, gerando sérios problemas ambientais e de saúde para a população.

Outros problemas surgiam, como por exemplo: as ruas e rios estavam tomados de rejeitos, comprometendo, desse modo, os recursos naturais, indispensáveis para a manutenção do meio ambiente. Portanto, algumas providências foram tomadas e iniciou-se um processo de separação do “lixo”.

Com esse método, tornou-se viável fazer a reciclagem e, conjuntamente, veio a possibilidade de os coletores obterem uma fonte de renda com a comercialização destes materiais reciclados. Aquilo que, para muitos não tinha valor algum, tornou-se o sustento de muitas famílias. Outro ponto importante é a contribuição com a limpeza urbana e o meio ambiente, uma vez que esses materiais jogados de forma indiscriminada na natureza demoram muitos anos para se decompor, causando estragos permanentes ao ecossistema. Mas até se estabelecer esse ofício, há um longo caminho, como podemos ver nos próximos parágrafos.

Historicamente, houveram várias ressignificações em relação ao que é resíduo. O que hoje seria considerado algo repugnante e dispensável em outro momento histórico era tratado com naturalidade pela população. Nesse sentido, Velloso (2004) destaca que na Era Medieval, culturalmente, acreditava-se na ressurreição após a morte. Dessa maneira, os cadáveres não eram considerados dejetos; ficavam

expostos nas praças e vias públicas. Além disso, “os resíduos produzidos pelo seu corpo, como sangue, fezes, urina, esperma ou o próprio corpo em decomposição, não eram afastados do seu convívio diário” (VELLOSO, 2004, p. 80).

Em vista disso, não havia preocupação com os dejetos ou odores produzidos pelos corpos. Tudo era tratado de maneira natural, sendo totalmente aceitável. O autor ressalta ainda que “a representação social do que era considerado asqueroso, portanto, era culturalmente diferente da sociedade capitalista e industrial” (VELLOSO, 2004, p. 80), e que a convivência com os dejetos humanos eram práticas normais que não afetavam a sociedade.

Entretanto, a partir do século XIV, com as novas configurações da sociedade e de forma mais consistente, são concebidas as ideias provenientes de higienistas e urbanistas acerca da separação dos diferentes tipos de vida. Dessa maneira, os mortos deveriam ser dispostos fora da cidade, pois sendo decompostos orgânicos, incluíam outros resíduos, para além dos corpos, que deveriam ser evitados (RODRIGUES, 1995).

A chamada ‘disciplina de Higiene Pública’ surge no ano de 1774 e, segundo Rodrigues (1995, apud ARAÚJO, 2012), buscava saber porque os rios fediam, além de possíveis ideias do que ser feito com as ruas, como fragmentação, organização e classificação. Como desenvolvimento das cidades surge também a preocupação em organizar a cidade em seus mais variados aspectos, como pavimentação de ruas, cobertura de solos, escoamento de águas que ficavam empossadas e o saneamento básico. E é nesse momento que há a separação da população, pois os que não se adequam às novas regras e permanecem com os mesmos hábitos agora condenados pela sociedade atual, são afastados do convívio com a elite. Portanto, a população dos bairros mais pobres é apartada para que a elite não tenha nenhum tipo de desconforto. (ARAÚJO, 2012, p. 11). Para além dessa separação, surgem outras circunstâncias, explicadas por Rodrigues (1995), e aos poucos vão se formando as ideias de que a limpeza física está ligada à limpeza moral. Portanto, os que se adequavam às normas de higiene eram considerados confiáveis em relação aos demais.

Porém, não era levado em conta a situação socioeconômica na qual os indivíduos estavam inseridos, o que dificultava para os mais empobrecidos o cumprimento das prerrogativas. Assim sendo, estes foram impedidos de circular em

determinados locais da cidade, sob a alegação que poderiam ser propagadores de doenças, sujeitos cuja a índole era questionável. Ou seja, evitava-se a todo custo a circulação desses indivíduos nas áreas nobres das cidades. Estes dados corroboram o pensamento de Velloso (2004, p. 59) que expôs da seguinte forma: “Na Idade Média, os miseráveis, os prisioneiros, os loucos, os leprosos e as prostitutas já eram encarregados da tarefa de carregar os lixos das cidades, e aqueles que dele tiravam seu sustento eram denominados trapeiros”. Pessoas que viviam sempre à margem da sociedade.

No Brasil, essa problemática está cercada de influência do processo de colonização portuguesa. Portugal não era um exímio seguidor dos costumes europeus e muitos de seus hábitos referentes ao lixo e limpeza urbana seguiam as mentalidades da Idade Média. Rodrigues (1995, p. 15) salienta que:

Esta característica cultural dos colonizadores não será desprovida de consequências para matizar muitas das nossas atitudes atuais em relação ao lixo, em que imprimiu a sua marca assim como fez no vocabulário das classes populares nas festas folclóricas, na literatura de cordel, nas crenças religiosas, nos hábitos alimentares, nas práticas cotidianas. Tal influência na sociedade brasileira, não cessa de contaminar inclusive setores bastante adestrados no universo moderno industrial (RODRIGUES, 1995, p. 15).

Conforme exposto acima, com o surgimento das primeiras cidades, cada morador era responsável pelo lixo que produzia. Os mais abastados relegavam esses encargos aos seus escravos (NEVE, 1992). Cabe ressaltar que a “indústria dos trapos” surge no Brasil como alternativa de sobrevivência, devido a altos níveis de desemprego, “portanto a profissão de trapeiro era o produto da miséria estabelecida no início do século” (RIO, 2008 apud IZAIAS, 2010, p. 12), pois o perfil destes “trapeiros” mudou conforme o avanço da pobreza, já que era possível identificar velhos, crianças e mulheres que, historicamente, sempre foram categorias menosprezadas pela sociedade capitalista.

Após o advento da industrialização no Brasil, que ocorre principalmente no Governo de Getúlio Vargas, quando o Brasil passa por uma grande transformação, através da qual deixa de ser apenas exportador de matéria prima e passa a produzir tecnologia a partir das tais indústrias de base, os resíduos produzidos, além de diferentes por derivam do processamento dos minérios e do aço, somavam grande quantidade, e isso contribuiu para que a ressignificação desse trabalho começasse a acontecer. Vale ressaltar que na Era Vargas há a consolidação das leis trabalhistas. Apesar disso, esses trabalhadores não são contemplados.

A “indústria dos trapeiros foi vencida pelas medidas de Higiene exigidas pelo Serviço Sanitário” (VELLOSO, 2004, p. 28). Há também um aumento populacional proporcional ao aumento do consumo, ocasionando uma maior produção de resíduos que se diferencia dos habituais, já que são provenientes das indústrias siderúrgicas que não tinham nenhuma solução referente a sua eliminação. Isso traz muitos problemas de ordem social. A reciclagem dos resíduos sólidos aparece como proposta ideal para solucionar esse impasse em relação ao descarte do lixo. Com ela, surgem os catadores de materiais recicláveis, consolidando a catação em atividade econômica formal.

Ao mesmo tempo que surge como solução, traz também a falsa sensação de que o consumismo exagerado e crescente não é tão nocivo, uma vez que, separando-se esses resíduos, diminui a responsabilidade com o meio ambiente.

Não podemos esquecer que muitos desses trabalhadores não encontram outra alternativa para a sobrevivência, se não a reciclagem. Em tempos de crise econômica e sanitária, que é o nosso atual cenário, pode-se observar um número crescente de pessoas que poderiam estar atuando em outros postos de trabalhos, pois muitas vezes têm uma formação profissional, a qual exerciam antes da pandemia. No entanto, com tantas empresas fechando ou reduzindo seu quadro de funcionários, não somente a crise é responsável pela diminuição de vaga, como também a própria automação, através da qual as máquinas substituem a mão de obra. Diante disso os trabalhadores se veem obrigados a procurar trabalhos alternativos, entrando assim para a atividade de catação.

Outro dado importante é que, com as altas taxas de desemprego acentuadas pela crise do coronavírus, a consequência imediata é o aumento nas demandas da assistência social. É possível constatar essas informações no site da Fundação de

Assistência Social (FAS), pois em janeiro a entidade distribuiu cerca de 830 cestas básicas, tendo um salto gigantesco com a distribuição de mais de 8.000 cestas desde março. Em entrevista ao jornal *Pioneiro* a diretora da Proteção Básica da FAS Ana Luiza De Bona Castelan Esquiam Viganó, diz o seguinte:

Temos percebido um aumento da nossa demanda, de pessoas que nunca tinham chegado até a assistência social. Aquele empreendedor que antes tinha condições de ter sua empresa, como o microempreendedor individual, ou situações de pessoas em que o Auxílio Emergencial (do governo federal) não é suficiente para as despesas da família. É por isso que precisamos ter um outro olhar para a vulnerabilidade. A pessoa em vulnerabilidade social não é só quem não tem renda, mas também pessoas cuja renda não é suficiente para atender aos gastos mínimos como aluguel, água, luz e alimentação (PIONEIRO, 2020, p. 3).

Uma matéria do jornal *Pioneiro*, um dos mais importantes meios de comunicação da cidade de Caxias do Sul, traz uma síntese da desindustrialização e, conseqüentemente, a diminuição de postos de trabalhos. É uma reportagem completa com várias pesquisas importantes para se entender como a crise no mercado de trabalho já vem sendo recorrente em Caxias do Sul, e ilustrando a forma como a pandemia a piorou. O jornal cita as fontes consultadas para se chegar à essa conclusão:

Em uma pesquisa, realizada pelo Observatório do Trabalho da UCS, foi possível identificar o perfil dos desligamentos. Nesse recorte, de março a maio, os primeiros meses da pandemia, fica claro que a faixa etária com o maior número de demissões está entre 30 e 39 anos, seguida de jovens dos 18 aos 24. A escolaridade mais afetada nesse mesmo período foi de pessoas com o Ensino Médio completo. Esse dado revela que o mercado tem exigido um nível mais alto dos seus empregados (PIONEIRO, 2020, p. 3).

Nesta lógica, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea 2013, p. 5-6), pode-se dizer dos catadores que:

[...] de maneira geral, trata-se de pessoas que encontraram nessa atividade a única alternativa possível para realizar a sobrevivência por meio do trabalho, ou pelo menos aquela mais viável no contexto das necessidades imediatas, dadas as restrições que lhes são infringidas pelo mercado de trabalho (IPEA 2013, p. 5-6).

Todavia, os catadores têm as suas peculiaridades e subdivisões, dentre as quais podemos citar: os catadores de aterros sanitários, agora em menor número, mas ainda existentes, onde a precariedade das condições de trabalho é visível, uma vez que, convivem diariamente com o mau cheiro, com o risco de contrair doenças, entre outros perigos que envolvem esse tipo de trabalho.

Ademais, existem os catadores individuais que catam e vendem seus materiais de forma exclusiva, já que para se associar às cooperativas, deveriam seguir alguns critérios, tais como: entregar o material para ser vendido juntamente com os demais e o valor arrecadado ser dividido de forma igualitária para todos os cooperados. Sendo assim, preferem percorrer as ruas da cidade, coletando os materiais para vender sem ter a necessidade de dividir o lucro obtido com outras pessoas: “aqueles que catam são vistos e observados por todos ao andarem nas ruas com seus sacos e/ou carrinhos juntando o que a sociedade descartou” (CAMARDELO; STEDILLE, 2016, p. 15). Alguns, inclusive, já possuem pontos específicos de coletas. Existe um estigma em relação a estes catadores, pois os mesmos estão expostos a todo tipo de julgamento, principalmente por parte das pessoas que se deparam com catadores recolhendo resíduos nos contêineres nos diversos pontos da cidade.

Pode-se também citar os catadores de associações nas quais o estudo se baseia. Estes possuem uma relação diferente com o trabalho, inclusive com pessoas que tinham outras ocupações e optaram por se tornarem recicladores, conforme a reportagem do jornal (PIONEIRO, 2003, p. 2) onde uma recicladora afirma que exercia a profissão de metalúrgica antes de trabalhar na associação de catadores. Diz ela que se sente muito feliz por ter feito essa troca.

Esse depoimento data de 2003, quando as condições socioeconômicas eram diferentes dos dias atuais, já que a cidade de Caxias do Sul vem sofrendo perdas significativas na área da metalurgia, sua principal atividade econômica, pois grandes empresas estão se transferindo para outros estados deixando uma grande leva de desempregados. Além disso, com o agravamento da pandemia, esses trabalhadores não são absorvidos por outros setores empresariais, causando uma elevação no número de desempregados. Esses fatores contribuem diretamente para a diversificação de pessoas na atividade de catação, seja ela em usinas de reciclagem ou coletando nas ruas para comercializar de forma individual. Tratarei de registrar o cotidiano em uma reciclagem e seus desafios, através das narrativas de Tatiane no capítulo III.

É notório que a relação da cidade de Caxias do Sul com os resíduos que é bastante satisfatória, levando em consideração alguns projetos de coleta e reciclagem que foram implantados na cidade que se tornaram referência para outros tantos municípios, não somente do estado, alcançando também reconhecimento nacional,

por esse modelo de coleta seletiva de resíduos.

Um dos grandes avanços, foi a coleta mecanizada. Segundo o site da Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (CODECA)<sup>4</sup> esta modalidade de coleta passou a ser realizada em agosto de 2007, com a distribuição inicial de exatos 502 contêineres para a coleta de resíduos. Para chegar nesse resultado, houve um amplo estudo por parte da CODECA, pois esse sistema estava em funcionamento em alguns lugares fora do Brasil, cidades como Roma (Itália), Barcelona (Espanha), Montevideú (Uruguai), dentre outras.

Assim que perceberam que era viável a implantação desse serviço na cidade de Caxias do Sul, mobilizações por parte dos funcionários foram iniciadas para se colocar em prática, de maneira eficiente, a então coleta mecanizada, que foi implantada por etapas. Isso se deve ao fato de que no ano de 2008 teve início uma outra etapa, já que na primeira foram distribuídos contêineres apenas em algumas ruas. Hoje em dia, Caxias conta com a coleta mecanizada em vários bairros, atendendo uma porcentagem significativa da população. No site da Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (CODECA) estão as informações referentes a fase de containerização. Inicialmente, foram distribuídos cerca de dois mil pares de contêineres, para resíduos, tanto orgânicos quanto seletivos, o que significou que mais de 1340 quadras foram contempladas, também representando, naquele período, aproximadamente 45% da população atendida. Essas atualizações são datadas de 2012. Esta importante conquista teve reações positivas em vários setores, pois diminuiu significativamente o acúmulo de lixo nas ruas, que causava entupimento dos bueiros, aumentando as inundações. E para os coletores, o resultado dessa mecanização ajudou no aproveitamento desses resíduos, já que puderam aumentar a quantidade de recicláveis para a comercialização, obtendo maiores volumes e, com isso, mais rendimentos. A coleta seletiva trouxe melhorias em vários aspectos para os coletores de resíduos, tanto para aqueles que fazem coleta individual e depois comercializam, quanto para os trabalhadores das cooperativas de reciclagem, facilitando o trabalho dos mesmos na hora de separar os resíduos.

Até aqui, tratei de contextualizar as ressignificações sobre o lixo, os caminhos

---

<sup>4</sup> CODECA. Disponível em < <http://www.codeca.com.br/>>. acesso em: 25 de outubro, 2020.

e resoluções encontrados para a destinação correta dos resíduos. No capítulo III vamos observar, através dos relatos de Tatiana, que as dificuldades continuam nos dias atuais, na esteira da invisibilidade e da falta de condições mais adequadas para os catadores. Ainda assim, reciclar é motivo de orgulho para quem trabalha neste segmento, ao menos na Girassol, onde foi o local da pesquisa de campo. Para que o referido trabalho possa ser compreendido, é necessário englobar essa importante e fundamental ferramenta metodológica utilizada neste estudo, que é a História Oral.



### 3. HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DE VIDA

A pesquisa foi desenvolvida, de forma significativa, a partir do método de história oral, sendo realizado um estudo de caso referente à prática da catação em Caxias do Sul no tempo presente, por meio da história de vida de Tatiane Champe. Para isso, foi elaborado um roteiro de entrevista com questões que possam responder aos questionamentos anteriormente elencados. Trabalhar com a História Oral é desafiador, pois adentramos no espaço privado do narrador.

Segundo Silva et al. (2007), é na cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados que se encontra a possibilidade de aquele que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e dar a continuidade frente a este relato endereçado. Destaca-se a necessidade da qualidade do vínculo estabelecido entre o narrador e o pesquisador e a qualidade das entrevistas.

E justamente por ser baseada em diálogos, a história de vida nos permite explorar melhor outros elementos, pois adentramos na intimidade, no seu cotidiano, no seu ambiente de trabalho e nas suas relações familiares, podendo ter um controle maior sobre as informações passadas pelo narrador. Outra vantagem que se observa é que ao passo que o entrevistador esteja conduzindo o diálogo, ele pode voltar várias vezes ao mesmo tema, estimulando, assim, o entrevistado a lembrar cada vez mais dos fatos e eventos que compõem a sua trajetória de vida.

As trajetórias de vida são surpreendentes e, num primeiro momento, parecem simples, mas ao contrário do que a grande maioria das pessoas pensam, não é nada fácil, são muitos os caminhos, métodos e conceitos que vão delimitando a forma mais adequada para o pesquisador atingir os seus objetivos. Abaixo seguem alguns destes caminhos que perpassam uma pesquisa na perspectiva da história oral de vida.

Para Queiroz (1987), o relato oral tem sido, através dos séculos, a maior fonte humana de conservação e difusão do saber; ou seja, a maior fonte de preservação e divulgação de fatos históricos ao longo do tempo. Apesar disso, esses relatos passaram a ser reconhecidos e valorizados lentamente, na medida em que se percebeu que os comportamentos, valores e até emoções ficavam escondidos nos dados estatísticos dificultando a compreensão de fenômenos sociais que escapam da percepção fria e distante do pesquisador (CAMARGO, 1987). Observando essa problemática, se fez cada vez mais necessário escutar e registrar as narrativas destes

indivíduos, no caso desta pesquisa, de Tatiane Champe, transformando seus relatos em fonte histórica.

A história oral surge de uma demanda social, que é a de realizar uma escuta atenta daquilo que os excluídos da sociedade tem a dizer sobre suas experiências de vida. Durante muito tempo, principalmente as mulheres, devido ao papel secundário que foi atribuído a elas dentro da sociedade patriarcal em que vivemos, foram quem menos tiveram a chance de falar sobre a sua forma de ver e sentir os acontecimentos históricos dos quais fizeram parte.

Contudo, aos poucos isso está mudando, como mostram as pesquisas desenvolvidas com com aposentados e aposentadas (GONÇALVES, 2006), mulheres em situação de violência (LISBOA; PINHEIRO, 2005), o massacre das Fossas Ardeatinas (PORTELLI, 2005). A história oral tem resolvido, ou desvendado questões que até então eram incógnitas, a partir da escuta desses sujeitos que trazem à tona fragmentos das suas realidades, ações e relações que eram obscuras e ficavam escondidas perante os fatos que eram considerados eventos de maior relevância para o contexto histórico.

É desta forma que a trajetória de vida de Tatiane Champe, personagem central deste estudo, está sendo pensada. Uma história de vida que será reconstruída a partir de seu relato como forma de evidenciar um quadro mais amplo sobre a prática da catação em Caxias do Sul. Entretanto, para isso, é importante ouvir de Tatiane quais foram as condições sócio-históricas que as levaram à prática da catação, como se configura o seu cotidiano, estendendo-se a sua trajetória dentro deste segmento. Para além, demonstraremos os altos e baixos que ela enfrentou e enfrenta, resultado das dificuldades em geral, da falta de políticas públicas e outros fatores que serão notados com o decorrer da pesquisa.

As narrativas orais ou as entrevistas que constituem a história oral são as fontes mais importantes neste estudo. Porém, para utilizar o método corretamente é necessário entender suas especificidades. Neste sentido, num primeiro momento, Portelli (2005) faz uma distinção entre *História Oral* e *Tradição Oral*.

[...] Esta última é composta por construtos verbais que são formalizados, transmitidos, compartilhados, ao passo que as fontes orais do historiador são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre os historiadores e o narrador. Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também podem recorrer às tradições orais. No entanto é bom manter os dois conceitos distintos: nem

tudo que é oral é tradicional (PORTELLI, 2005, p. 9).

Enquanto história oral é a construção da fonte por meio da entrevista entre historiador e narrador, e desta troca dialógica entre ambos, a tradição oral se constituiu em memórias que a comunidade cultiva, considerando-se que estes fatos ocorreram há pelo menos uma geração de distância e foram apreendidos oralmente. As pessoas que estão contando os fatos não vivenciaram os mesmos, e deste modo se constitui uma tradição oral. Este estudo se fundamenta na História Oral e não na Tradição Oral. Todavia existem outras particularidades na História Oral.

Para Pereira (2000), é preciso entender sobre as especificidades da biografia, autobiografia e da história de vida. Ela ressalta que não se trata de desqualificar uma ou outra, pois todas têm o mesmo nível de importância, a definição do método é escolhida de acordo com o objetivo do trabalho, seja ele uma pesquisa ou outra produção historiográfica. A autora cita esses três gêneros que, apesar de na prática serem distintos, têm um ponto de partida semelhante, que é a trajetória individual do ser humano. Esse sujeito é o protagonista da história, assume o papel de falar sobre suas vivências e ressignificações ocorridas nesse espaço de tempo que ele deseja compartilhar. “Três gêneros distintos que têm em comum o fato de serem baseados na sequência de vida individual, a sequência biográfica, lugar privilegiado de encontro entre diferentes disciplinas, constituem importante fonte de conhecimento histórico” (PEREIRA, 2000, p. 118).

Ao escolher trabalhar com autobiografia, deve-se levar em conta que: consiste na narrativa da própria existência e como salienta Queiroz (1988), nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registros, sendo assim, o sujeito é quem escolhe fazer o próprio roteiro e conduz seu testemunho mediante o seu interesse pessoal. Inclusive, ele próprio transcreve o que foi gravado e ainda redige o texto que será apresentado. Neste caso o trabalho do pesquisador é apenas de revisão.

No caso da biografia, de acordo com Pereira (2000) “se define como a história de um indivíduo redigida por outro”, ou seja, o narrador conta a sua história de acordo com o seu interesse, a participação do historiador já é maior, em virtude de que ele transcreve o que foi gravado e baseado nesta transcrição, escreve um texto que seja de fácil entendimento para os leitores.

Partindo para a história de vida, Pereira (2000) comenta que talvez seja o gênero mais utilizado nos dias atuais para dar conta de muitas demandas sociais que surgem ao longo dos processos históricos, representando muito bem alguns setores que foram esquecidos ou subjugados. Mesmo assim, o método tem suas dificuldades: “a história de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação do pesquisador” (PEREIRA, 2000, p. 117). Para se chegar ao resultado que se espera com esse tipo de pesquisa, é fundamental um projeto que oriente e dê um roteiro de questões que também farão o recorte necessário. “É um trabalho coletivo de um sujeito-narrador e de um intérprete,” no qual a principal fonte é a entrevista, e a partir dela a realização de outras análises se assim for necessário (PEREIRA, 2000, p. 118).

Embora a História de vida esteja sendo a mais utilizada e isso leva a crer que constitua o gênero mais abrangente, contemplando mais o interesse dos narradores e trazendo muito conhecimento do ponto de vista histórico-social, deve-se observar que essa nova tendência que nos coloca diante de uma grande variedade de possibilidades, também traz grande divergência de métodos e concepções. Para alguns autores, existe distinção entre relato centrado na pessoa, no eu, e a entrevista centrada no contexto, no evento. Queiroz (1988) entende por biografia a primeira acepção e, para a segunda, ele utiliza a denominação de história de vida. Outros autores também trazem definições que aumentam o nosso impasse, como é o caso de Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1993), os quais diferem a psicobiografia - em que o indivíduo narra a sua visão pessoal sobre os acontecimentos e a etnobiografia - em que o indivíduo é como espelho do seu tempo, do seu ambiente.

Esses são apenas alguns dos dilemas que o pesquisador que decide trabalhar com história de vida se defronta, sem contar os questionamentos que surgem a partir dessas constatações. Para se ter uma ideia dos direcionamentos que a história oral pode seguir, tem-se alguns deles apontados por Pereira (2000): até que ponto se deve conceber o relato de vida considerando toda a trajetória existencial ou especificar o tema ou uma sequência da existência? Deve - se dar total liberdade para o narrador, podendo preservar toda a espontaneidade do mesmo? Deve o pesquisador conduzir a entrevista interferindo, assim, na dinâmica da narração? Deve -se reproduzir o discurso na sua íntegra sem nenhum descarte, conservando o documento bruto e original, ou reconstruí-lo para tornar o discurso legível, para melhor compreensão?

Para a última questão, o posicionamento de Queiroz (1998, p. 24-5) é bem objetivo:

Justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a biografia não pode ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido de que se procurava [...] esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operando as relações do indivíduo com o seu grupo, com sua sociedade [...] O recorte do material não somente se torna viável, agora, como até mesmo imperioso, pois são facetas do mesmo que serão utilizadas (QUEIROZ 1998).

Já Rosenthal (1996, p. 194) defende a posição de que a nossa forma de trabalho enquanto pesquisador “costuma ser destrutiva desde o começo da coleta de dados” quando temos tudo pronto e já sabemos exatamente o que o narrador tem a nos dizer e o que julgamos ser importante para a nossa pesquisa, e as perguntas que fazemos são direcionadas aos nossos propósitos. Neste caso, não há uma total espontaneidade por parte do narrador, pois os relatos serão focalizados para um determinado assunto que já está previamente estabelecido. Julgo necessário esse recorte, pois a pesquisa apresenta objetivos que devem ser realizados e para isso é de fundamental importância que se utilize o roteiro de perguntas estabelecidas no projeto.

As questões que norteiam o trabalho de história de vida são muito importantes. Por meio destas perguntas, estabelecemos a estrutura de sua apresentação. É por intermédio deste roteiro feito antecipadamente pelo pesquisador que será possível chegar ao foco da pesquisa, pois sem esse planejamento aumenta a dificuldade em fazer os recortes necessários para obter os resultados pelos quais a pesquisa se propôs. Mesmo que, mais adiante, deva-se repensar e traçar outros planos, só com questionamentos bem pontuais é que o pesquisador tem condições de avaliar se segue o que já foi estabelecido ou traça novos rumos para a sua pesquisa.

A pesquisa que pretendo desenvolver, trata-se, portanto, de uma história oral de vida, pois toda a agenda de entrevistas será sistematizada em torno da trajetória de vida de Tatiane Champe e das relações que estabelece com as pessoas que participam do seu cotidiano seja no âmbito familiar ou mesmo no ambiente de trabalho. Entretanto, diante de algumas formas de caracterizar a história oral, Meihy (2005, p. 82-88), explica que a *história oral de vida* “trata-se de narrativas com aspiração de longo prazo”, ou seja, está relacionado diretamente com a experiência de vida do narrador. Não obstante, a *História Oral temática* é quase sempre usada

como técnica, pois articula, na maioria das vezes, diálogos com as práticas. No caso da presente pesquisa, além de acompanhar por vezes o trabalho na reciclagem, analisamos a ocupação. Apesar do não-reconhecimento enquanto profissão, Tatiane se reconhece como profissional da reciclagem, como poderemos observar nos seus relatos, no decorrer da pesquisa. Por isso que este estudo também abarca a história oral temática, já que a catação, separação de resíduos, servirá como tema a ser destacado na trajetória de vida de Tatiane.

Para o bom desenvolvimento de um trabalho de história oral é necessário que se tenha conhecimento sobre as formas de abordagens, comportamento e algumas interferências que possam ocorrer no processo de realização das entrevistas de história oral. Portelli (2005) afirma que, ao contrário da maioria dos documentos, as fontes orais são geradas em uma troca dialógica. Essa troca começa pelo olhar e, na entrevista, as questões não são direcionadas necessariamente para um único foco, “a agenda do historiador deve corresponder a agenda do narrador”, mas o que o historiador pretende saber pode não ser exatamente o que o narrador queira compartilhar. Por conseguinte, toda pesquisa pode ser reorganizada, pensada de outra perspectiva, até mesmo superando as expectativas iniciais do trabalho.

Não podemos ignorar o fato de que essas narrativas são pautadas (ou filtradas) pela memória que, por sua vez, pode ser seletiva. Há outros fatores que podem influenciar na forma em que o narrador irá se expressar, inclusive o estado psicológico, a subjetividade, a forma que os entrevistados veem e internalizam os acontecimentos. Portanto, a história oral não trata apenas de narrar um evento, vai bem mais além, porque “Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores” (PORTELLI, 2005, p. 12).

E para o pesquisador, inclusive, é um momento de compartilhamento de autoridade, pois diante dele está uma pessoa com um vasto conhecimento sobre o assunto, já que, além de narrar as suas próprias vivências, o narrador traz fatos sobre seu trabalho, seus familiares, fatos estes que podem ser de grande importância para compor toda essa trajetória de vida que queremos apresentar na presente pesquisa. De outro lado, está o pesquisador, o qual traçará os caminhos para que todo esse material apresentado pelo narrador, seja transformado em pesquisa científica, trabalho acadêmico, lido e reconhecido como fonte histórica importante e que possa ser referência para outras que vierem.

É preciso atentar para outras questões, como alerta Portelli (2005, p. 15): “os observados também nos observam e nos julgam a partir comportamentos dos quais sequer estamos conscientes”. Assim sendo, o historiador tem de estar aberto para a escuta, para o diálogo, respeito e sobretudo se despir de julgamentos e preconceitos. Foi o que ocorreu comigo, pois adentrei em um universo surpreendente que superou as minhas expectativas.

A reciclagem Girassol é composta por pessoas muito agradáveis, dispostas a retirar dos descartes a sua renda, ao mesmo tempo chamando pra si a responsabilidade de proteção ao meio ambiente, visto que depois de passar pela seleção, os rejeitos são levados para aterros. É necessário que se tenha sensibilidade para a separação correta, “Por isso que a maioria é mulher, nós temos mais sensibilidade com o que vamos mandar de volta para o meio ambiente” (TATIANE).

Neste momento, o historiador e o narrador precisam estar dispostos a dialogar, porque a cumplicidade e o envolvimento são fundamentais para o bom andamento da entrevista, levando-se em consideração que “Pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a diferença que a torna significativa” (PORTELLI, 2005, p. 07). O autor fala sobre essa disposição de aceitar e respeitar o outro criticamente.

Para Portelli (2005, p. 10), a história oral é primordialmente a arte da escuta. Mesmo que todo o planejamento inicial esteja transcorrendo como se espera e os diálogos sejam satisfatórios, os historiadores podem não estar cientes acerca de outras perguntas que devem ser feitas. Muitas vezes há situações que desencadeiam outras falas, as quais nem o historiador nem o narrador estão a par da relevância histórica.

Em se tratando de história de vida, como ressalta Pereira (2000), ao trilharmos o rico caminho das trajetórias de vida, sabemos que nem sempre é possível escapar de todos os perigos, como supostos devaneios que rondam a memória dos entrevistados, mas acreditamos que estarmos conscientes de sua existência já é um passo nessa direção. Como forma de objetivar a metodologia da história oral, essa pesquisa se utilizou de alguns dos procedimentos descritos por Meihy (2005, p. 193-194), os quais compreendem as etapas da pré-entrevista, a entrevista e a pós-entrevista. O autor também discorre sobre o processo que vai do oral ao escrito.

Inicialmente fiz o contato com Tatiane, a fim de me apresentar, e apresentar o meu projeto. Isso se deu através de uma pré-entrevista, via plataforma digital (google Meet). Este momento é bem importante, sendo possível identificar, de antemão, a disponibilidade e o nível de interesse do entrevistado. Quando se trata da entrevista propriamente dita, feita com o consentimento dos entrevistados, deve-se prezar pela integridade das narrativas dos cooperadores, sempre focando nas perguntas que darão o aprofundamento necessário, referentes à trajetória de vida de Tatiane Champe. A transcrição literal do oral para a escrita foi feita sempre respeitando as características originais, incluindo os vícios linguísticos, as repetições, sotaques e eventuais pausas. Por fim, realizou-se a textualização: o trabalho de transformar a entrevista em um texto de fácil compreensão, tornando a leitura mais agradável, diminuindo as possíveis gírias e outros vícios linguísticos, apesar disto, mantendo as características das gravações para que quando os colaboradores forem ler, ainda assim, se identifiquem com aquele texto (MEIHY, 2005, p. 193).

A conferência é a etapa que compreende a parte em que o pesquisador apresenta o texto aos colaboradores, para que façam a leitura, podendo sugerir algo a ser modificado ou complementado e, por fim, consentir com o uso da entrevista no trabalho acadêmico. Esta autorização será feita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Concluída essa etapa de captação de parte do acervo documental, pode-se dar início a outra fase, que é a de analisar e, sobretudo, refletir sobre o material coletado. Para isso, há três tipos de história oral, são elas: história oral instrumental, que tem a função é de registrar e reunir as entrevistas; a história oral plena e pura, que por sua vez é mais completa, já que, além de reunir e organizar, tem também a função de analisar, cruzar alguns dados, fazendo com que as entrevistas dialoguem entre si. Neste caso é sempre comparativa, “mesclando opiniões, pontos de vistas ou fatos revelados nas gravações que contenham redes de entrevistados com características próprias” e, por fim, existe a história oral híbrida, que consiste em ampliar as fontes de consulta.

“Neste caso somam-se às entrevistas documentos cartoriais, memórias escritas, dados estatísticos, literatura, reportagens e produtos historiográficos” (MEIHY, 1990, p. 15-16). Os autores salientam que não se trata de medir o grau de importância, afirmando que a história oral plena é melhor que a história oral



instrumental, ou então dizer que a história oral híbrida é mais importante que a história oral plena. Não se pode atribuir valores. Todas elas são fundamentais e o que vai delimitar o uso de cada uma é o projeto que está sendo desenvolvido.

No caso desta pesquisa, o mais adequado é caracterizá-la como história oral híbrida, já que se trata de uma história oral de vida onde a documentação produzida a partir da oralidade é central, mas outras fontes também serão utilizadas, tais como: Jornais: A pesquisa nesses jornais será feita através do site da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, onde esses periódicos estão digitalizados. O período compreende de 1986, ano em que começam a circular as primeiras reportagens referentes aos catadores, até os dias atuais, dos quais serão extraídas apenas algumas reportagens que possam servir de referência para alguns fatos contados pelos narradores; Relatórios da Usina de Reciclagem Girassol: estes serão disponibilizados por Tatiane com o propósito de analisar a quantidade de resíduos coletados e reaproveitados desde seu surgimento até o momento de realização desta pesquisa; Fotografias e outros documentos: estes também serão apresentados por Tatiane, já que fazem parte do seu acervo pessoal, a fim de entender o contexto social até da própria cidade. Essas fontes vão ajudar a compreender as condições sociais, políticas e econômicas que cercam a vida de Tatiane Champe e a prática da catação.

Ainda sobre a realização das entrevistas, Meihy aponta outros procedimentos e traz outras reflexões que podem ajudar a dar mais confiabilidade para o trabalho. Sobre a maneira de conduzir a entrevista, pois este é sempre um momento muito significativo, tem-se que em tempos passados as condições de entrevistas tinham outros sentidos, sendo chamadas de depoimento, pois tinham o objetivo de buscar a verdade ou “fala pra posteridade” (MEIHY, 2007 p. 100), e os narradores tinham características que eram diferentes dos dias de hoje, geralmente eram pessoas com influências, notáveis socialmente ou em “situação de excepcionalidade” ou seja, eram pessoas escolhidas devido a sua influência dentro da sociedade, tendo uma certa visibilidade dentro daquele cenário. Diferente disso, hoje se busca ouvir e acolher as pessoas que, de certo modo, são “esquecidas” para a maioria. Não necessariamente esse indivíduo é desconhecido dentro da sua comunidade, mas de alguma forma ele foi esquecido pela maioria da sociedade que não se restringe apenas no seu bairro.

Hoje muitos pesquisadores também não utilizam mais a palavra depoimento. Segundo Meihy (2007), em lugar disso, consagram a entrevista como maneira

dialógica em que alguém grava ou registra a narrativa de outra pessoa. Normalmente o ato da entrevista envolve pelo menos duas pessoas, dessa maneira fica mais fácil estabelecer uma intimidade e criar um clima de confiança. Ademais, mesmo que a entrevista esteja sendo gravada, o historiador precisa ter em mãos um caderno de campo. Nem todos os momentos podem ser captados por um gravador, tais como: sorrisos, lágrimas, gestos. Todos esses elementos merecem ser integrados à pesquisa, anotados e posteriormente serem utilizados na elaboração do documento.

Meihy (2007) destaca que, de um lado, o entrevistador não pode se portar como um detetive à procura de segredos, de outro, também não se trata de uma reportagem em que o jornalista quer descobrir algo bombástico ou um “furo”, como denominam esses acontecimentos. A disponibilidade do narrador tem que ser respeitada, o historiador deve se mostrar educado, confiável e, sobretudo, o lado profissional deve prevalecer. Só assim será possível fazer uma boa entrevista. As entrevistas podem ser abertas ou fechadas para um projeto de história oral. Meihy (2007, p. 102), diz que o modelo condutivo é, sem dúvida, o de entrevistas abertas, pois “a virtude maior desse tipo de entrevistas é possibilitar escolhas”.

Estamos em um momento atípico, a pandemia, que nos obriga a pensar alternativas, pelo distanciamento social. Inclusive, há de se levar em consideração que neste momento estamos na pior fase, e isso fez com que todas as entrevistas programadas não acontecessem da forma ideal, olho no olho. Tivemos algumas que ocorreram por alguma plataforma digital, mas mesmo assim as entrevistas foram muito produtivas, já que essa atividade em que Tatiane está envolvida traz elementos bastante interessantes para conhecermos o seu “itinerário” de vida e alguns aspectos mais amplos que envolvem suas atividades. A seguir, trataremos de dar a conhecer o vínculo familiar, as percepções de Tatiane em relação a sua atuação na Girassol e a religiosidade presente em todos os momentos da sua vida.

## 4. OS CAMINHOS TRILHADOS E A FÉ QUE MOVE TATIANE CHAMPE

### 4.1 OS SENTIDOS DA CATAÇÃO E DA RECICLAGEM POR TATIANE CHAMPE

A categoria em que esta pesquisa se estrutura está diretamente ligada à História de vida, pois se trata de uma trajetória individual que, no entanto, está conectada diretamente com a ocupação, as relações sociais e econômicas em que Tatiane está incluída. Pereira (2000) evidencia que, mesmo o foco estando voltado a demonstrar o sujeito na sua individualidade, na sua subjetividade, também é desejável recuperar as conjunturas do meio social no qual a sua personalidade foi formada, tendo em mente “seu campo exterior, já que não sendo um sujeito isolado o indivíduo, faz parte de diversos grupos, de uma sociedade e de uma cultura” (PEREIRA, 2000, p. 122).

Compartilhar as vivências de grupos minoritários e, de certa forma, marginalizados, também é conquista mais recente, e isso se deve, em grande parte, à história oral que trouxe à tona essas memórias, “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas” (POLLAK, 1989, p. 1).

Para Portelli, as questões relacionadas à *memória, narrativa, subjetividade e diálogo* são questões que delineiam o formato de abordagem do historiador, são elas que determinam como serão usadas essas fontes orais *co-criadas* por meio da entrevista. “Elas não existiriam sob a forma que existem sem a presença, o estímulo, e o papel ativo do historiador” (PORTELLI, 2005, p. 10).

Diversos trabalhos acadêmicos sobre história oral, principalmente, referem-se às narrativas orais como se estivessem dando voz aos sujeitos que estão sendo entrevistados, todavia é importante salientar que a responsabilidade do historiador reside em registrar essas vozes, oferecer a escuta e torná-las fontes para um trabalho

acadêmico. E, assim, Portelli (2005, p. 10) define de maneira categórica que "história oral é, primordialmente, a arte da escuta". Desta forma, percebemos que mesmo tendo um roteiro preestabelecido, ainda assim o papel do historiador é de ouvir. E foi este o procedimento que guiou meus encontros com Tatiane para poder compartilhar de maneira sucinta parte da sua trajetória e do seu cotidiano, trabalhando com a coleta, mesmo que esporádica, e a separação de parte dos resíduos produzidos pela população da cidade de Caxias do Sul, através da associação Girassol.

Os anos 90 foram marcados pelos altos índices de desemprego, o reflexo dessa condição fez “crescer de forma acentuada o trabalho não assalariado e distintas modalidades de trabalho informal”, Paiva (2016), e dentro dessa nova configuração social, imposta pelo modelo capitalista, fez-se necessário buscar outras maneiras de geração de renda. E nesse contexto, um grande contingente de pessoas começam a sua busca por alternativas, de modo a garantir o *ganha-pão* diário, encontrando nas lixeiras estes materiais recolhidos de duas formas, pelo catador individual ou pela empresa de coleta. O destino final é sempre o mesmo, empresas que reutilizam esses materiais como matéria-prima para a fabricação de novos produtos.

Estes resíduos<sup>5</sup>, uma vez separados, são vendidos primeiramente à “atravessadores ou intermediários<sup>6</sup>. Logo, estes fazem a comercialização para a indústria que realizará o processo final de elaboração de novos produtos.

O trabalho dos catadores está integrado, segundo Bosi (2008), ao processo de acumulação capitalista, e à condição de exclusão e miserabilidade em que vivem. Isso os qualifica para tal tipo de ocupação, tendo em vista o desemprego, a baixa escolaridade e a elevada faixa etária (Paiva, 2016, p. 1). Somam-se a estes fatores a precarização e a invisibilidade dos trabalhadores que se submetem a tais condições de trabalho.

São pessoas de ambos os sexos, excluídos de certa maneira pelo mercado de trabalho que encontram nos descartes a chance de sobreviver, “São, muito amiúde, homens e mulheres destituídos de meio de subsistência, que exatamente por isso, são submetidos a exercícios ocupacionais indignos”

---

<sup>5</sup> RESÍDUOS, Vg. A diferença entre lixo, resíduo e rejeito e como é feito o seu gerenciamento. 2020. Disponível em: <https://www.vgresiduos.com.br/blog/blogdiferenca-entre-lixo-residuo-rejeito/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

<sup>6</sup> Os atravessadores são agentes de comercialização que atuam nas cadeias produtivas, como intermediários entre os produtores e os consumidores, porém, muitas vezes ele é o responsável pelo empréstimo de dinheiro para a compra de maquinários e outros itens. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=o+que+s%C3%A3o+atravessadores>

(CARMADELO; STEDILE, 2016, p.14).

Se observarmos por 30 minutos a rua, principalmente no caso de, próximo ao nosso domicílio, haver um container seletivo e outro orgânico disponibilizados pela CODECA, muito provavelmente iremos nos deparar com catadores que, portando carrinhos ou não, passam recolhendo materiais, em uma atividade rotineira. Ao menos na rua onde moro, é notável a presença destes trabalhadores, homens e mulheres que diariamente passam inspecionando os contêineres a procura de resíduos. Gonçalves (2005), faz uma análise do perfil destes personagens que fazem parte deste cenário.

Os catadores são personagens, como o poeta, que vagueiam nas ruas dos centros urbanos, principalmente à noite. No entanto, mesmo não sendo tão leves os seus passos, os moradores "oficiais" da cidade não os escutam. Caminhantes que, de tanto cansaço e fadiga, pelo longo percurso andado e o peso levado nos carrinhos improvisados, parecem até assombração (GONÇALVES, 2005, p.12).

Estes indivíduos com os quais nos deparamos e que, por diversos fatores, estão nesta ocupação e por certa naturalização destas situações, às vezes nem são notados, desempenham uma função importante para a preservação dos nossos recursos naturais, pois muitas vezes presenciei os mesmos fazendo uma seleção de materiais no contêiner do resíduo orgânico. Estes materiais seriam depositados em aterros, que em muito prejudicariam o meio ambiente. Isso ocorre, pois, muitas pessoas não fazem a separação correta na hora de descartar seus resíduos.

Segundo (CARMADELO; STÉDILE, 2016) na sociedade moderna, essa categoria é considerada inferior, e são considerados “elementos” que se obrigam a realizar o trabalho que um cidadão de classe mais elevada não faria, “Em consequência o que não é reconhecido não é visto” (CARMADELO; STEDILE, 2016, p.15).

Aqueles que transitam pelas ruas são de certo modo invisíveis enquanto sujeitos, por estarem trabalhando em associações separando os materiais de uma população, na sua grande maioria, desinformada em relação ao processo de separação. Isso gera resíduos em péssimas condições, e esses indivíduos precisam mexer em sacolas com animais mortos, fezes, e os mais variados tipos de rejeitos. No decorrer desse capítulo, poderemos ter uma ideia mais clara com os trechos da entrevista de Tatiane. E foi pensando nessas pessoas invisibilizadas que o presente

estudo foi realizado em uma das 11 reciclagens formais da cidade de Caxias do Sul.

Conforme exposto anteriormente, nosso local de pesquisa é a Associação de Recicladores Girassol, situada no bairro Ana Rech, em Caxias do Sul, onde a personagem principal dessa pesquisa, Tatiane Champe, atua como presidente. Esta associação, conforme Tatiane informou, está formalizada há 9 anos, porém já atua na reciclagem há aproximadamente 12 anos. Vale ressaltar que, apesar de presidir e trabalhar em uma reciclagem, Tatiane ainda recolhe materiais recicláveis nas ruas. Com menor frequência, mas sempre que necessário sai com seu marido para recolher materiais, principalmente quando a demanda de resíduos diminui na associação. Outra observação que deixo aqui é que nos próximos parágrafos, nos quais discorro sobre a entrevista, Tatiane é a narradora, não havendo, portanto, necessidade de identificação ao final das citações.

A prática da catação está presente na trajetória de Tatiane desde a mais tenra idade. Ao ouvir a narradora contar sobre sua composição familiar, ficamos sabendo que a mesma nasceu em um lar com pai, mãe e mais quatro irmãos. De certa forma, todos estão ligados com a reciclagem, e o pioneiro da família neste segmento foi seu pai, que exercia a ocupação de reciclador para, assim, prover a subsistência da sua família em um período no qual eram recolhidos, além dos materiais habituais de hoje, outros resíduos, tais como os ossos e louças citados na fala seguinte de Tatiane.

Eu comecei a ajudar o meu pai por volta dos 8 a nove anos o meu pai trabalhava com a carroça que eram de 4 rodas puxada por um cavalo naquela época do meu pai a gente trabalhava com ossos, vidros garrafas que era o que mais se vendia na época e a sucata de ferro.

Tatiane, que cresceu habituada a trabalhar com resíduos, atualmente está com 37 anos, é casada com Claudio, também reciclador, com o qual tem três filhos, Renan de 18 anos, que está trabalhando junto a eles na reciclagem, Janaina, de 15 anos e Lara, com 7 anos. As meninas ficam na residência da família.

Os resíduos aos quais tenho me referido são popularmente conhecidos apenas como “lixo”. Para um entendimento integral do tema é necessário diferenciar o que é lixo, resíduo e rejeito. O VGRESÍDUOS<sup>7</sup> explica de maneira objetiva os significados

---

<sup>7</sup> VGRESÍDUOS é um sistema integrado de gestão de resíduos. Disponível em: <https://www.vgresiduos.com.br/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

dos das palavras lixo, resíduo e rejeito.

O lixo é tudo aquilo que não se quer mais e joga fora. Já o resíduo é aquilo que não serve para você, mas para outros pode se tornar matéria-prima de um novo produto ou processo. O rejeito é um tipo específico de resíduo, onde foram esgotadas todas as possibilidades de reaproveitamento ou reciclagem.

Com isso, podemos constatar que as pessoas que recolhem materiais não são lixeiros, são sujeitos em busca de resíduos passíveis de se tornar matéria-prima em muitos processos, que os convertem em novos produtos. Isso auxilia não só a geração de renda, como também deixa de lado a utilização de matéria-prima proveniente de recursos não renováveis.

O que, de fato, chama atenção, por fazer brilharem os olhos de Tatiane, é falar da sua trajetória enquanto catadora, mais além, formando e coordenando uma associação que ela mesma deu o nome de Girassol.

A narradora inicia contando como o processo foi longo, cansativo e burocrático. Isso não diminui sua satisfação em ter conseguido levar o projeto e a constituição da associação até o final. Quando questionada por mim sobre a ocasião na qual surgiu a associação, a conversa fluiu de maneira bem positiva, correspondendo aos objetivos propostos pela pesquisa.

**Figura 01** – Anexo, lugar utilizado para as refeições dos trabalhadores.



Fonte: A própria autora (2021).

Estávamos eu e Tatiane reunidas no anexo construído fora do barracão, que é

utilizado para o preparo da alimentação dos associados. A Isabel é a responsável pela cozinha. Diga-se de passagem, sempre tem bolo e café fresquinho. Demos início a entrevista com a narradora dizendo: - "Para chegar onde a gente tá hoje eu lutei muito, eu briguei muito". Essa briga a qual Tatiane se refere pode ser traduzida nas dificuldades enfrentadas com a falta de interesse do poder público, além da ausência de diálogo com os responsáveis pela organização dos recicladores, o que em alguns momentos requer uma abordagem mais firme, conforme comenta Tatiane em uma de suas falas, "tem coisa que a gente resolve na conversa, mas tem outras coisas que não, o político ele vai te entender na tua fúria".

Para Paiva (2016), a conquista destes espaços de trabalho, e a geração de renda "redefine os papéis sociais". Até mesmo estas articulações políticas e o empoderamento das referidas mulheres em busca de melhores condições de trabalho e a garantia dos direitos, representam uma "ressignificação social para essas mulheres" (PAIVA, 2016, p. 154).

O primeiro trabalho tanto de Tatiane quanto de seu esposo Claudio foi fazendo a coleta de resíduos pela cidade. Com o passar dos anos, foram ocupando postos de trabalho formais. Tatiane possui formação de tecnóloga de higienização hospitalar, que lhe rendeu trabalho tanto em um hospital, no caso o Hospital Pompéia<sup>8</sup>, um dos mais antigos da cidade, quanto em uma escola, a qual não foi citada o nome pela entrevistada. Já Claudio, seu esposo, trabalhava como soldador. Apesar de não mencionar o nome da empresa, pelas características descritas, é possível se tratar de uma metalúrgica. Em uma conversa decidiram, de comum acordo, que queriam ter uma autonomia, tendo em conta que seus empregos não lhes faziam bem. Queriam voltar a fazer aquilo que já sabiam, só que de forma diferente. Não mais individualmente, e sim em forma de associação, gerando renda para mais pessoas. Porém, o processo não foi fácil e Tatiane teve que ser persistente, como mostra o relato integral da mesma.

Entre conversa entre eu e meu marido como ele se sentia muito mal na solda 15 anos soldando que ele já estava se sentindo mal em trabalhar, eu tinha saído do hospital e estava trabalhando numa escola. A gente decidiu da gente começar o nosso próprio negócio, mas que também gerasse renda para outras pessoas que trabalhem com a gente, então a gente foi em busca de

---

<sup>8</sup> O Hospital Nossa Senhora de Pompéia, conhecido simplesmente como Hospital Pompéia, é uma instituição hospitalar filantrópica de Caxias do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.pompeia.org.br/>.



um lugar. Tentei conversar por oito meses, conversar com o Douglas da CODECA que era aquele tempo que gerenciava as coisas pra abrir as associações ele me botou muito impedimento eu levei oito meses para conhece-lo pessoalmente ele veio até nós quando nós achamos o lugar. Ele disse assim oh eu vou deixar vocês como apoiadores a gente começou assim, ah as associações estavam cheias o que sobrava dele vinha pra gente que era o material noite e de madrugada que não tinha grande serventia pra eles. Não passei fome porque arroz e feijão a gente tinha, era um período que meu filho, o Renan, tinha 7 anos e já cuidava da Jana de inverno que eles ficavam sozinhos. De meio dia o Cláudio ia lá pra fazer um fogo no fogão pra que eles se mantivessem aquecidos foi uma época muito difícil que eu passei, esse começo, graças a minha insistência, e tinha outros apoiadores o que que a gente fez, eu procurei os outros apoiadores. vamos juntas, vamos lutar pelos direitos que a gente trabalha muito mais do que as conveniadas naquele tempo se não me engano tinha de 4/5 conveniadas e a gente criou o movimento do catador legal legalizou formalizou ele com estatuto com tudo que tinha direito a gente o formalizou a doutoral Letícia se sensibilizou e colocou-nos dentro do programa do PMGIRS<sup>9</sup> que é o programa dos resíduos sólidos a Girassol formalizada hoje tem nove anos, mas eu trabalhei como apoiadora há quase uns três anos recebendo o excedente da CODECA.

Caxias do Sul tem hoje 11 associações formalizadas. Ao explorar o conteúdo da entrevista, fica clara a participação da Tatiane como protagonista desse processo. Sua força, articulação e resistência motivam diariamente as mulheres que trabalham na associação. Além disso, das 16 famílias que são convertidas em 22 pessoas que atuam como recicladores, apenas sete são do sexo masculino. Essa quantidade expressivamente maior de mulheres corrobora com o que Paiva (2016) argumenta ao afirmar que, nas últimas três décadas, houve uma feminização no mercado de trabalho e, mesmo com o aumento substancial de mulheres, não houve a superação da divisão sexual do trabalho (PAIVA,2016, p.153).

Muitas mulheres procuram as associações de reciclagem por causa da crise já mencionada neste campo de trabalho, que tem como efeito a insuficiência de vagas dentro do mercado formal. Também podemos somar o fato de algumas delas não terem se qualificado do jeito que este mercado exige. Tatiane ressalta que com a pandemia, muitas mulheres que ocupavam outros postos de trabalho, principalmente no comércio, recorreram a ela em busca de trabalho. Porém, a narradora destaca que essas pessoas dificilmente se adaptam a essa realidade de ter que separar resíduos, em razão da dificuldade que os recicladores se obrigam a trabalhar.

---

<sup>9</sup> LEI Nº 8183, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2016. Institui o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS) de Caxias do Sul e dá outras providências. Art. 1º Esta Lei institui o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS), elaborado em conformidade com o estabelecido na Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e, em seu Regulamento.

[...] agora com a pandemia veio muita gente atrás pra trabalhar, mas, a grande maioria que a gente acabou pegando foram pessoas que trabalharam em mercado foram pessoas que trabalharam no comércio que eles não se adaptaram à reciclagem né porque não adianta tu vir trabalhar ali assim (mostrou a blusa branca que estava vestindo) eu sei que é difícil, mas a gente tem que se empenhar porque no momento é aquilo que vai ter e acreditar que vai melhorar.

Nota-se pelas narrativas de Tatiane que em momentos de escassez de trabalhos formais ou desemprego, outros sujeitos acabam procurando as associações de reciclagem, mas se assustam ao se depararem com a realidade em que vivem esses trabalhadores, principalmente pela falta de entendimento de que este não é um trabalho indigno, e também pela não existência de muitas iniciativas por parte do poder público no sentido de educar a população acerca do significado dos resíduos, explicando sobre como o material descartado pode ser separado e utilizado, sendo possível gerar renda e mais importante, salvando nosso ecossistema. Uma vez reciclado, esse material não polui o Meio Ambiente.

Tive a oportunidade de conhecer ligeiramente as mulheres que trabalham na Girassol. Estive em dois momentos com elas, observando a separação dos resíduos na esteira e enquanto faziam suas refeições no anexo. Elas me foram apresentadas por Tatiane, e caracterizadas de maneira geral pela mesma. Identifiquei várias consonâncias com o que Paiva (2016) menciona, de que a maioria delas é chefe de família, desempenhando múltiplas funções, como mãe, provedora, dona de casa e tantas outras implicações que lhes são impostas. Outrossim, a precarização do trabalho fica evidente. O aumento de pessoas do sexo feminino nas associações está diretamente ligado ao papel reprodutivo que a mulher ainda desempenha na sociedade capitalista.

Podemos afirmar que existe uma relação direta entre a precarização do trabalho e o crescimento do número de mulheres nas cooperativas e associações de catadores. Tal relação pode ser explicada pelo baixo grau de escolaridade dessas mulheres, pela falta de oportunidades de emprego formal, assim como pela flexibilidade das regras de trabalho existente nas cooperativas, que tende a se adequar melhor ao peso que as atividades reprodutivas têm em suas vidas (PAIVA, 2016, p.158).

Essa divisão sexual do trabalho dificulta, e muito, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, já que a maioria dos homens “exercem suas atividades no mercado de trabalho capitalista”, o tal mercado produtivo, enquanto as mulheres dividem seu tempo entre a geração de renda fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados com a família, que se caracteriza como reprodutivo

(CASTILHO; MELO, 2009, p. 137). A dupla jornada, em muitos casos, torna-se um impedimento para mulher se profissionalizar e, com isso, alcançar melhores colocações no mercado de trabalho.

Mesmo com essas condições impostas para as mulheres, é notável o ótimo trabalho que elas desempenham nas associações, dedicando-se a fazer a separação dos resíduos com responsabilidade, “ porque que eu acho que as meninas separam melhor porque elas têm essa sensibilidade de que quanto mais a gente separar maior vai dar a nossa partilha”, Tatiane explica que mesmo que alguns recipientes venham com restos de alimentos, cada mulher dispõe de uma colher para limpar o excesso de resíduo orgânico. Se esse procedimento não fosse adotado, muitos resíduos seriam dispensados. E o compromisso de preservação do meio ambiente também se faz presente nas falas da narradora. Tatiana diz que “o objetivo é ganhar dinheiro, mas tem que cuidar do meio ambiente, tu não pode dar aquele “*corridão*” e pegar o que dá e o resto ir fora”.

Mesmo tendo um número muito pequeno de homens trabalhando na Girassol, Tatiane diz que já teve “meninos” na esteira, mas pela forma que ela balançou a cabeça negativamente, acredito que a experiência não deu muito certo, mais uma vez nos deparamos com o fato da “mulher ter trabalho” de mulher e “homem ter trabalho” de homem. E na associação na Girassol não é diferente, as mulheres trabalham predominantemente na coleta e na triagem dos resíduos recicláveis, e os homens no carregamento, na prensagem e na armazenagem do material. Estas foram as observações feitas por mim no meu trabalho de campo.

Apesar de saber como as coisas funcionam na sociedade patriarcal capitalista, onde as pessoas dificilmente tem escolhas, para Tatiane, foi uma escolha dentro das suas possibilidades, formar e presidir a associação, um trabalho reconhecido por todos que a conhecem. Ela é tão articulada que, quando viu que a individualidade não estava trazendo resultados, uniu forças com mais dez associações e criaram o Movimento dos Catadores Legais, onde Tatiane atua também como presidente. Este movimento atualmente tem uma página no facebook, através do qual eles promovem ações, participam das discussões de ordem pública, e disponibilizam várias informações relacionadas às políticas públicas que estão sendo desenvolvidas para beneficiar os recicladores, bem como *lives* que mostram o dia a dia dentro das associações.

Embora tendo acesso a esses mecanismos de disseminação de notícias como são as redes sociais, os catadores ainda convivem com estigmas que resultam em exclusão social. Mesmo tendo condições de sobreviver dignamente, ainda são taxados de lixeiros. Um exemplo claro se dá quando a narradora fala que, ao coletarem materiais na rua, as pessoas desferem olhares ou até palavras como “oh os rasga lixo”.

Para Wanderley (2002) a exclusão social está muito além da condição econômica do sujeito, pois “existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas” (WANDERLEY, 2002, p. 17). Trabalhando vários anos com esses materiais, sabendo como funciona o processo de comercialização, é possível de se constituir uma autoridade e se tornar referência. A problemática toda está no fato de que esses indivíduos continuam sendo invisíveis para grande parcela da sociedade. Esta fala da Tatiane demonstra que, de certa forma, ela conquistou seu espaço.

Porque onde a gente vende, o atravessador, cada associação, cada vendedor ele tem um número e o nosso na Serra Gaúcha é o vinte três e na CTS<sup>10</sup> é o seis, então toda vez que eu entrego o material na CTS ou na Serra Gaúcha os meus fardos são marcados né hoje se eu ir lá entregar material eles não marcam mais. Eles sabem que o que não tem número é o da Tati é o da Girassol né porquê? Por causa da qualidade né.

É importante mencionar que a Girassol está atuando na reciclagem há quase 10 anos e, devido à sua história de honestidade, conquistou a confiança dos compradores. Para atingir esse grau de confiabilidade, Tatiane teve de construir sua identidade neste segmento. A identidade é de fundamental importância para romper algumas barreiras que a exclusão social nos impõe. Esta mesma empresa que recebe o material da Girassol com toda a confiança hoje recebeu Tatiane em seu primeiro contato, com várias restrições e preconceitos. Esse momento foi relatado pela entrevistada.

A primeira vez que eu fui vender na CTS é uma empresa grande, que vende papel a primeira vez que eu me lembro que a gente chegou lá, a gente chegou de Kombi eu sempre fui magrinha né, vamos bota desdentada ali eu cheguei pra fazer a ficha lá o Cláudio já tinha ficha a muitos anos que ele abriu pro meu pai. Daí ela pegou daí ela disse assim, aí não dá pra fazer o acerto porque só deu um pouquinho né, tudo bem eu vou trazer mais material né daí

---

<sup>10</sup> CTS Empresa que atua desde 1993 no segmento da reciclagem, é responsável pela compra dos papéis reciclados pelas associações.

ela ignorou, ela disse assim pra mim hum ahmm o que tu vai trazer mais de material, tu tem mais material pra trazer? Claro eu trabalho com isso tá achando que eu sou o que disse pra ela né tu tá acostumada a lidar com usuário de drogas que vem aqui vende pra tomar uma cachaça não eu não sou assim eu tenho família na época eu tinha o Renan e a Janaina.

“A visão de que o lixo significa o dispensável, a imundice, a sujidade, o que não se quer mais, o que deixa um local feio, mal cheiroso e contaminado é transferido como adjetivos para as pessoas que trabalham nessa ocupação” (MENDES, 2009, p. 83). Mas, para quem trabalha com esses materiais, as visões são diferentes, pois os mesmos compreendem seus papéis e sua importância, que vai muito além de separar e comercializar os resíduos. A função social que executam é bem explicada quando Cláudio, esposo de Tatiane, terminando de tomar seu café enquanto eu e Tatiane conversávamos, pediu para contribuir com o que estávamos discutindo, e comparou o trabalho de inclusão que essas cooperativas fazem em relação ao acolhimento de usuários de entorpecentes, que por vezes recorrem à criminalidade. E Tatiane completa:

[...] Claudio, a gente faz o mesmo papel que a religião faz, enquanto muitos, dependentes estão aqui trabalhando, eles não são na rua prejudicando os outros é um trabalho de inclusão Só porque trabalham numa empresa grande, que ganha uniforme, não quer dizer que não seja precário.

Esta última referência se dá pela questão das relações de trabalho das grandes empresas. Mesmo seguindo todas as normas, não significa que estas são totalmente benéficas aos trabalhadores. Apesar de ter a garantia de alguns direitos e condições menos insalubres se comparados aos recicladores, há uma relação de exploração, porque a sua remuneração é bem menor do que o lucro que a empresa tem com seu trabalho. Essa questão é bem delineada por Marx, quando conceitua a mais valia.

A produção de mais valia absoluta gira exclusivamente em torno da duração da jornada de trabalho; a produção da mais valia relativa revoluciona totalmente os processos técnicos de trabalho e as combinações sociais” (MARX, 1974, p. 586).

Para Marx (1974) o sistema capitalista se sustenta na relação entre o “trabalho assalariado” e o “capital”, ou seja, na geração do capital por meio da “expropriação” do valor do trabalho do operário pelos donos dos meios de produção. Voltando para a problemática acerca da precariedade e invisibilidade dos catadores, na entrevista, Tatiane menciona um fato muito desagradável que aconteceu na associação, referente a uma denúncia de trabalho análogo a escravidão.

De fato, algo que se faz necessário uma reflexão. No trabalho de campo, fica evidente a ausência de políticas públicas no sentido de melhoria das condições de trabalho. Existem atualmente instituições que se encarregam de dar assistência a esses trabalhadores, como a FAS<sup>11</sup>, banco de alimentos, dentre outros, através dos quais recebem cestas básicas e também hortifrúti, uma vez na semana.

Por outro lado, as condições dos galpões de triagem e dos próprios trabalhadores nem sempre são as mais adequadas. “A prefeitura municipal também investiu na construção de unidades de triagem e na organização dos catadores em associações”. (CARMADDELLO; STEDILE, 2016, p. 61). Ainda que estes investimentos tenham sido de grande ajuda, nota-se que a precariedade na execução do trabalho ainda está em evidência. Esse fator causa transtornos para Tatiane, já que nem sempre há condições de usar todos os EPIs de proteção. Estes itens são caros, o que dificulta a aquisição por parte dos associados. A fiscalização é rígida e não leva em conta a condição socioeconômica da associação.

Quando os fiscais estiveram na associação, alegando se tratar de trabalho análogo à escravidão, Tatiane não discordou da denúncia, pois tem plena consciência das condições em que trabalham, e que esta consciência se relaciona diretamente com a sua representação social. Ela sabe que boa parte das dificuldades pelas quais os recicladores passam não dependem das escolhas dela e sim são impostas pela desigualdade social.

Eu disse assim pra eles olha vocês vão achar tudo isso mesmo, a realidade nossa é essa mesma, o trabalho é escravo, mas nós somos escravos da sociedade não porque eu que sou a presidente faço isso com eles, porque eu também sou escrava. Não foi uma escolha minha de vir e trabalhar com o lixo da madrugada, com o lixo da noite onde se mistura tudo. Não foi uma escolha minha de vir fazer isso, eu gostaria de ter um material melhor, eu gostaria de ter um maquinário melhor, mas a gente não tem isso. Dar o primeiro passo para associação foi a empilhadeira, em mil vezes com dinheiro emprestado do atravessador, mas que assim a gente pagou a mesma coisa a retro né mesma coisa a prensa a gente tinha carro a gente acabou se desfazendo muita coisa minha eu acabei investindo aqui na associação mas foi tudo pra melhorar, não para que se *judiasse* mais do pessoal ou que fizesse mal pra eles, de maneira nenhuma, sempre procuro o melhor pra todo mundo se a unha da Jessica tá suja a minha também vai te que tá suja porque eu também tô trabalhando.

---

<sup>11</sup> Fundação de assistência social (FAS) instituída nos termos da Lei n.º 4.419 de 4 de janeiro de 1996, é entidade da Administração Indireta do Poder Executivo Municipal, com personalidade jurídica de Direito Público. É o órgão gestor da Política Pública de Assistência Social do Município de Caxias do Sul Disponível em: <https://fas.caxias.rs.gov.br/>.

A desigualdade social está presente na sociedade e vai além do desemprego, da vida política, da condição legal, porque é forjada em preconceitos e discriminações. “Uma das consequências da exclusão é certa perda de identidade, em que as pessoas e os segmentos sociais são reconhecidos apenas como os que “não são”, os que “não tem”, “não sabem”, “não fazem” (SPOSATTI, 1988, p. 45).

Mas estes trabalhadores fazem muito, desempenham um papel importantíssimo para a manutenção do ecossistema e sabem muito bem do seu valor. O que falta para eles e que faz toda a diferença é o reconhecimento e melhores condições de trabalho.

## 4.2 A FÉ QUE MOVE MONTANHAS É A MESMA QUE REMOVE RESÍDUOS

Tati de Iansã, como também é reconhecida, tem a sua história de vida, a sua ocupação profissional, entrelaçada com a religião. Deste modo, poderemos identificar através das suas narrativas, este vínculo religioso em que está ancorada a fé e a esperança de dias melhores de Tatiane. Tatiane é umbandista<sup>12</sup>, religião brasileira muito representativa, a qual será detalhada nos próximos parágrafos. Tatiane fala com brilho nos olhos sobre a escolha do nome da associação:

Então a associação de recicladores girassóis, é uma coisa que eu me identifico muito com a minha religião. Sou umbandista há 22 anos, hoje eu estou no batuque entre seis e sete anos, como que eu levo a umbanda aqui dentro? A Umbanda prega a humildade e a caridade.

Tatiane explica que essas características de Humildade e Caridade, nada têm a ver com ser pobre, esfarrapado, ou caridade ser confundida com as sobras que as pessoas distribuem. Tratam-se de ações que promovidas no cotidiano, como não ser arrogante, ser paciente para ensinar ou até oferecer um ombro amigo, uma escuta ao colega ou quem quer que seja.

**Figura 02** – “Tati de Iansã”: Celebração religiosa de Tatiane e família.



---

<sup>12</sup> A umbanda é uma religião brasileira, fundada por um brasileiro chamado de Zélio Fernandino de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, esta mistura de duas principais religiões sintetiza muito bem a historicidade brasileira, pois ela parte da premissa de que o conflito, a diversidade e a desigualdade são determinantes na sua construção. Pois está estruturada a partir de três matrizes religiosas que são elas: cristianismo europeu, ritos indígenas, e religiões africanas. Silva (2012) o autor complementa que “o contexto social no qual se forjou de marginalização social, econômica e política”, contribui para o entendimento das dimensões que representa a realidade social brasileira (SILVA, 2012, p.1)



Fonte: A própria autora (2021).

Tatiane fala com propriedade sobre a religião que resolveu seguir, pois o nome da Associação Girassol está ligado com a sua religiosidade. Segundo Tatiane, foi escolhido a partir de um ponto que ela tem. O ponto, na umbanda, é um louvor para evocar, enaltecer as entidades espirituais. Tatiane até fala um pedacinho deste ponto para justificar a escolha do nome na associação, a “cabocla Jurema”, a qual tem um penacho que faz alusão ao girassol. Outro detalhe percebido por mim na entrevista é que ela queria que fosse especial e simbólico para ela, pois o girassol é uma espécie de inspiração. Ou seja, todo este processo de construção da associação esteve totalmente ligado a essa força encontrada na religião. Claro que aliada a muita persistência, trabalho, organização e responsabilidade.

Então a associação girassol já vem por causa da Umbanda né, porque é uma cabocla da casa onde eu me formei, tinha lá a cabocla Jurema foi então uma coisa que me chamava muita atenção aquela cabocla, o ponto dela o mais lindo que tinha “era Jurema o seu penacho é um girassol”. Então o girassol é uma coisa que me impulsiona muito, a flor dela sempre virada pro sol, ela ti da tudo aquilo de semente, ela é vida, é energia é uma planta muito resistente. Então eu sempre tive essa paixão e essa admiração.

A religião também atua de outra forma na vida da Tatiane, por meio do material. Trata-se das conquistas, as quais fornecem suporte para que tenha rendimentos capazes de suprir suas necessidades básicas, como moradia, saúde e educação para os filhos. Já no campo espiritual, esta ajuda vem através de uma entidade a qual Tatiane diz possuir a função de fazer uma limpeza das energias negativas que os resíduos trazem consigo.

E quanto a espiritualidade, a gente trabalha com o lixo, a gente trabalha com coisas rejeitadas pelos outros, são coisas que vem muito carregadas, no trabalho da umbanda quem trabalha com isso é a Pomba Gira Maria Mulambo que ela trabalha com a limpeza do plano astral e no físico também por isso que dentro da associação eu tento passar a importância da união, tem gente de várias religiões aqui e ninguém tem preconceito nem eu com eles e nem eles comigo, no que eu aprendi com a religião de ter caridade, humildade e solidariedade eu sempre tento passar isso pra eles, eu durmo e acordo religião .

A preocupação ao manusear o que as pessoas jogam fora, descartam, é recorrente nas falas da Tatiane. Mais uma vez, eles encontram amparo na Umbanda, já que as energias que, segundo ela, estão nesses resíduos, teriam um efeito nocivo para eles. No entanto, através da religião estas são neutralizadas. O respeito que eles

têm com a natureza é mais uma forma de expressar essa maneira de olhar e ressignificar as coisas que os cercam. Tatiane é uma lutadora, muito longe de ser uma pessoa infeliz que se coloca em uma posição de vítima, ela corre atrás dos seus objetivos, tem a clareza do papel que desempenha na sociedade, bem articulada com todas as questões que envolvem a comunidade, politizada, dentre tantas outras qualidades. Neste momento da fala, Tatiane demonstra todo o seu orgulho pelas conquistas até então alcançadas.

hoje eu me sinto muito feliz, muito realizada, tenho excelentes filhos a Isabel é uma excelente cozinheira, Pessoal quando eu não estou junto ele se dedica mostram o que aprenderam, sempre por favor, sempre muito obrigada, sempre vamos fazer eu nunca digo Isabel faça. Pela minha religião e meu povo que trabalha comigo eu faço tudo, eu vou até o fim.

Mas essa luta tem que ser coletiva, só assim será possível sair do obscurantismo no qual vivem os catadores. Deve-se trazer à tona discussões que envolvam a comunidade, incentivar a visitação destes locais. E, principalmente, ressignificar o seu conceito de lixo, pois para muitos consumidores se trata apenas de consumir deliberadamente, aos vendedores interessa apenas a venda, “Nessa lógica, o “lixo” é descartado sem consciência alguma sobre seu futuro. A lixeira é a divisão entre a posse e a responsabilidade sobre um produto e o seu destino final” (BITENCURT; CARMADELO; STEDILE, 2021, p.08).

Os diálogos que fizeram parte desta pesquisa trazem várias reflexões em relação a função do historiador, que não é apenas ouvir isoladamente determinados relatos. O trabalho de campo, as vivências proporcionadas por ele, são marcas que ficam pra sempre na memória de quem o fez. Portelli (2005, p. 5) enfatiza que a “História oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e o significado do evento dentro da vida dos narradores”. E eu, particularmente, acrescento que não somente os narradores são contemplados com esse método de pesquisa, os pesquisadores também passam a olhar de forma diferente, descobrindo maneiras diferentes de observar e registrar as memórias que vão dialogar com o presente, possibilitando apontamentos relevantes para a construção de projetos, que venham ao encontro das necessidades dos trabalhadores, junto ao poder público.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Figura 03** – Girassol: trabalhadores da reciclagem com a carga pronta para a comercialização.



Fonte: A própria autora.

A Associação de Recicladores Girassol ainda tem muito a contar. Não só esta, mas tantas outras associações desta natureza que desempenham funções essenciais para o meio ambiente. Tanto os trabalhadores atuam na catação, muitos deles na informalidade, por diversos fatores, que neste momento não constituem o foco desta pesquisa, quanto os que estão dentro de galpões de triagem, homens e mulheres que se dispõem a recolher, separar e dar a destinação correta para materiais que são descartados por outras pessoas, carregam suas memórias e histórias e podem contribuir com suas trajetórias, sejam grupais ou individuais, para o conhecimento de uma dimensão ainda pouco visibilizada da cidade. Portanto, vale destacar que este estudo, centrado na trajetória de Tatiana Champe, não tem a intenção, de modo algum, de esgotar as possibilidades de explorar o tema, pelo contrário, há muito o que se debater em relação a esse segmento de trabalho.

No início do estudo, foi necessário percorrer alguns pontos da história do “lixo”, as suas ressignificações ao longo dos processos históricos, a transformação das sociedades, e de que forma elas se relacionavam com seus descartes. Foi possível

perceber que na Era Medieval, o que para os dias atuais seria algo inconcebível, repugnante, naquele momento era tratado culturalmente como algo normal. O estudo utilizado para apresentar este contexto histórico cita a relação natural e bem aceita que a sociedade medieval tinha com dejetos, líquidos e odores produzidos por corpos. Observou-se que até a maneira com que lidavam com corpos em decomposição era completamente diferente, pois não havia todo o ritual fúnebre que a sociedade capitalista costuma fazer.

Entretanto, com as novas configurações sociais em meados do século XIV, também fruto das concepções higienistas provenientes daquele período, acerca da separação dos diferentes tipos de vida, a destinação dos corpos que, antes, permaneciam expostos em locais públicos, passou a ocupar locais para fora das zonas urbanas.

A reorganização da sociedade trouxe outros aspectos que contribuíram para a formação das cidades, com ruas pavimentadas, saneamento básico e escoamento de água. Deste modo, quem não se adequasse às novas regras era afastado. A população mais pobre se afasta das regiões centrais, não sendo contemplada com o conforto que era proporcionado para a elite. Como se não bastasse a exclusão, esta ainda é reforçada por ideias que associavam a limpeza física à limpeza moral, tudo isso sem levar em conta a situação socioeconômica dos empobrecidos. Unicamente despejando sobre eles toda a culpa por estarem em tal situação. O estudo conclui que, nestas circunstâncias, surgem os trapeiros, papel desempenhado por leprosos, loucos, prisioneiros e prostitutas, ou seja, pessoas em vulnerabilidade socioeconômica.

A partir destas análises, observa-se que algumas situações se modificaram ao longo do tempo, outras permanecem, e são essas permanências que corroboram para alimentar preconceitos por parte da sociedade contra esses trabalhadores.

Com a industrialização, o êxodo rural e o inchaço populacional nas cidades, fatores determinantes para o aumento do consumo e, conseqüentemente, o aumento do descarte, consolida-se no Brasil a indústria dos trapos como alternativa de sobrevivência. O excedente de mão de obra era grande e o avanço da pobreza era iminente. O perfil dos “trapeiros” também muda, neste contexto já aparecem velhos e crianças desempenhando estas atividades.

Notou-se que, quando a atividade da catação e reciclagem entra em voga,

como solução para o problema do acúmulo do lixo nas cidades, deixa-se de debater a questão do consumo exagerado e, nesse sentido, não são tomadas medidas no sentido de educar a população acerca da separação dos resíduos. Isso gera impacto direto na precarização do trabalho dos indivíduos que fazem a seleção destes materiais.

É perceptível que, nos dias atuais, houve avanços no sentido de organização e reivindicação de direitos, e um dos principais avanços foi a consolidação da lei 12.305/2010, que é a Lei de Resíduos Sólidos, a qual estabeleceu regras avançadas para a disposição e reciclagem de resíduos sólidos. Além disso, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que tem por objetivo dar suporte, auxiliando e promovendo ações em todo o país, a fim de orientar os trabalhadores deste segmento.

Analisando a relação da cidade de Caxias do Sul com a disposição e reciclagem dos resíduos, pode-se dizer que o resultado é satisfatório de maneira geral, pois a implantação dos contêineres foi um passo importante para coleta e reciclagem de resíduos. A coleta mecanizada torna o trabalho mais prático.

Nesta pesquisa, fez-se necessária toda essa contextualização para compreender o comportamento da sociedade e as associações feitas aos resíduos, chamados de descartes ou mais popularmente de “lixo”.

Ainda assim, o foco deste estudo é a análise de uma trajetória de vida. Para alcançar esses resultados, foi utilizada a História Oral como método, materializada no desafio de adentrar o espaço privado da entrevistada, onde ela revisitou suas memórias, trazendo à tona aspectos da sua vida e, a partir destas narrativas, foi construída a base para essa pesquisa.

Outro aspecto importante a se destacar nesta pesquisa é que ela iniciou com a eclosão da pandemia mundial (COVID-19), e está se findando no mesmo cenário, ainda que neste momento já tenha vacina para combater o vírus. A vacina ainda não está disponível a toda a população brasileira. Este fato impactou diretamente no trabalho de campo deste estudo. Todo o planejamento inicial teve que ser adaptado, novos recursos tiveram que ser incorporados, a exemplo das plataformas digitais, para que fosse possível realizar as entrevistas, já que vivemos em tempos de distanciamento social devido à pandemia.

Visitas ao galpão onde são realizados trabalhos da Girassol ficaram mais

restritas, para minimizar os riscos de contaminação em função do coronavírus.

No entanto, a pesquisa está se findando de modo satisfatório, porque promoveu novas reflexões acerca da importância de se preservar a memória nesses momentos de crise sanitária, no qual tantas pessoas perderam a vida vítimas da pandemia.

Dentre os pontos mais importantes do estudo de campo, verificou-se que o gênero é um fator que apresenta aspectos consideráveis dentro da atividade de reciclagem. A maioria dos trabalhadores são mulheres, e a feminização nestes trabalhos informais é produto da precarização do trabalho que está ocorrendo em consequência deste modelo econômico vigente. A trajetória de Tatiana e o cotidiano da Girassol narrado por ela aponta para esta situação. Mesmo com a alta taxa de trabalhadoras femininas nas reciclagens, a divisão sexual do trabalho não foi superada. A maioria das mulheres trabalham nas esteiras, homens operam prensas e outros equipamentos.

Outro elemento ligado à mulher, no caso da protagonista desta história, é o fato de desempenhar uma dupla jornada de trabalho, sendo responsável pelo trabalho doméstico e pela separação dos resíduos, também estando na função de coordenadora da associação Girassol assumindo, assim, uma terceira tarefa.

A análise apresentada se articula com outros resultados da pesquisa, referentes à informalidade do trabalho e à ocupação de postos de trabalhos sem vínculos empregatícios que é crescente. As mulheres estão no topo da lista destes trabalhos. Assim, a carga de preconceitos destinada a essas pessoas possui raízes estruturais, que vêm de longo tempo e, fazendo parte da estrutura social, a sua desconstrução é lenta e gradual.

A partir da produção e posterior análise das entrevistas com Tatiana, ficou evidente que as relações de trabalho que fazem parte de uma associação são diferentes, pois não há muitas hierarquias, a divisão dos lucros é feita em forma de partilha. Todos dividem lucros e despesas. A solidariedade está presente neste espaço, pois estão sempre se acolhendo diante das dificuldades.

A religiosidade de Tatiana foi outro ponto alto deste estudo, visto que as memórias compartilhadas por ela se interligavam com a sua religião. Desde o momento da criação da associação, a forma que conduz os trabalhos, as regras de convivência com o grande grupo de trabalhadores e até a lida com os resíduos, estão

ancorados nas crenças que Tatiana traz consigo. Tudo de maneira leve, com muito respeito e sem interferir na fé ou crença do outro. Segundo Tatiane, todos convivem de forma harmoniosa.

Salienta-se que as observações que fiz neste processo de pesquisa apontaram uma grande lacuna entre os recicladores, e, neste caso, eu me refiro aos recicladores das associações - pelo fato deste estudo de campo ser realizado em uma associação - e a comunidade em geral. Ficou claro que a maioria da população não tem a menor ideia de como separar seus resíduos corretamente, impactando diretamente no destino final destes resíduos e nas condições de trabalho dos recicladores, o que desencadeia uma série de problemas, não só para os recicladores, mas também ao meio ambiente.

Esta pesquisa apontou que seria necessário um trabalho conjunto entre recicladores, poder público e comunidade em geral, no sentido de conscientização e de maior visibilidade ao trabalho que é desenvolvido nas associações. Transpor a barreira do preconceito e do estigma é algo urgente.

Para tanto, o caminho mais correto é que haja mais políticas públicas voltadas a dar condições de trabalho adequadas a quem trabalha neste segmento, que possam desempenhar as suas funções de forma mais segura, confiantes e sem julgamentos. Mas para isso, como dizia Eduardo Galeano “a primeira condição para mudar a realidade, consiste em conhecê-la”, e não será do alto dos nossos prédios bem localizados no centro da cidade que faremos isso. Esta pesquisa, portanto, tem o intuito de contribuir para o conhecimento da prática da catação na cidade e as diversas situações que dela decorrem.

E, para finalizar, reforça-se a importância dos estudos de trajetória e da História Oral como metodologia, pois deste modo foi possível, a partir das experiências de vida de Tatiana Champe, relacionar, comparar e refletir acerca das relações de trabalho e gênero e suas implicações no contexto atual, dentro do segmento da catação, reciclagem e comercialização dos descartes produzidos pelo modelo econômico contemporâneo, modelo este pautado pelo consumismo desmedido, no qual não se dá a devida importância à destinação correta dos excedentes gerados por todos esses excessos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual da história Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236p.

AMADO, J.; FERREIRA, M.M.. **Usos e abusos da História Oral**, 7 ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. 304 p.

ANDER-EGG, E. **Introducción a la investigación en Ciencias Sociales**. 7 ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. 335 p.

ARAÚJO, R.C. de. A cultura do lixo, seus estigmas e relações com os coletores de materiais recicláveis. *In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL*, 15, 2012, TERESINA. **Anais [...]**. Teresina - PI: ed. da UFPI, 2012.

BOSI, A. P. A organização capitalista do trabalho informal: o caso dos catadores de recicláveis. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 67, p. 101-116, jun. 2008.

BRAGA, N.L. **As redes de apoio social aos catadores de materiais recicláveis vinculados a uma associação**. 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2015.

CARMADELO, A.M.P; STÉDILE, N.L.R. **Catadores e Catadoras de Resíduos: prestadores de serviços fundamentais a conservação do meio ambiente**. Caxias do Sul: Educs, 2016. 158 p.

FEITOSA, L.B. **Sentidos atribuídos às políticas públicas de inclusão dos catadores pelos atores envolvidos nas discussões dos resíduos sólidos**. 2011. 152.f Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GONÇALVES, R.C.M. **A VOZ DOS CATADORES DE LIXO EM SUA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceara, Fortaleza, 2005.

IZAÍAS, F.M.C. **Na rota do lixo: percursos de vida e trabalho de catadores do complexo de tratamento de resíduos sólidos do Jangurussu**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. 499 p.

LISBOA, T.K. Um Olhar por Baixo do Tapete: Mulheres Terceirizadas. *In: Mulher e Trabalho* (Porto Alegre), Porto Alegre, 2004.



- LISBOA, T.K.; PINHEIRO, E.A. A intervenção do Serviço Social junto à questão da violência contra a mulher. *In: Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 8, n.2, p. 199-210. 2005.
- MARX, K. **O capital**. Volume I. Trad.: J. Teixeira Martins e Vital Moreira, Centelha - Coimbra, 1974.
- MEIHY, J.C.S.B; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático de história oral**. Editora Contexto. 2011. São Paulo.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, J.C.S.B; BARBOSA, F.H. **História oral: como fazer, como pensar**. [S.l: s.n.], 2007.
- MEADOWS, D; RANDERS, J; MEADOWS, D. **Limites do crescimento: atualização de 30 anos**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.
- MENDES, R. C. L. O. **Os catadores e seletores de material reciclável: o social e o ambiental na lógica do capitalismo**. (Tese de doutorado). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.
- NASCIMENTO, J.B. **Os “burros sem rabo” na sociedade de consumo: invisibilidade, consumo ostensivo e reconhecimento**. 2012. 2028 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.
- NEVES, M.G.R das; BAHIA, S.R. De escravo a doutor: notas sobre a mão de obra na limpeza urbana. *In: PEREIRA, M.C.S et al. Transformando e Recriando os restos: o lixo passado a limpo*. Rio de Janeiro: Comlurb, 1992. p. 15-18.
- PAIVA, C. C. **Caderno de Campo da pesquisa com catadores de materiais recicláveis de Araraquara: entrevista com Helena, presidente da Acácia e grupo focal com participantes I, II, III, IV e V**. Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Unicamp, IFCH, 2015.
- PEREIRA, L.M.L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *In: HISTÓRIA ORAL*, 3, 2000, p. 117-27.
- PORTELLI, A. Traduzido de “**A dialogical relationship. An approach to oral history**”. *In: JAIN, M. (org). Expressions Annual 2005*. Pune, Índia: Nitin Paranjape, 2005. *Ricerche Storiche Salesiane*,v.36, n.1, p.125-134, 2000.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

## FONTES VIRTUAIS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL. Disponível em <<https://www.historiaoral.org.br/>> Acesso em 25 maio, 2020.

BRASIL. **Lei n.12.305, de 02 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei n. 09.605, de 12 de fevereiro de 1998, e dá outras providências, DF

BRASIL, **Lei n.9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF.

IPEA. **Situação Social das catadoras e dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis.** Brasília: Ipea, 2013. Disponível em < [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)> Acesso em 14 agosto, 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, **Classificação brasileira das ocupações.** Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho/pt-br/assuntos/trabalhador/mais-aco-es/classificacao-brasileira-de-ocupacoes> Acesso em 25 março, 2021.

VELLOSO, M.P. **Criatividade e resíduos resultantes da atividade humana; da produção do lixo a produção do resto.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências de Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz, Rio de Janeiro; Fiocruz, 2004. Disponível em < <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4452>> Acesso em agosto, 2020.